

*Rev.
En AB
SP*

*II
1000
Dupl.*



REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

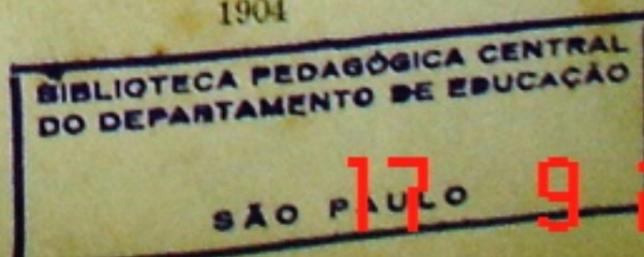
PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

NUMERO 1



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»
1904



9607

SÃO PAULO 17 9 2007

S. PAULO — ABRIL — 1904.

Confiante no futuro, animada pela opinião favoravel da imprensa do paiz, acolhida com carinho por todos quantos se interessam realmente pela instituição mais importante duma nação civilizada, isto é, pela Instrucção Publica, nutrindo emfim as mais justificadas esperanças, a « Revista de Ensino » enceta, hoje, o seu terceiro anno de publicação.

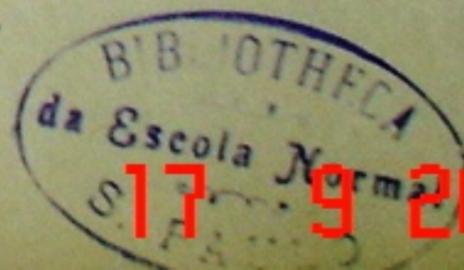
Na qualidade de organ consagrado aos interesses da instrucção popular e aos direitos daquelles que a ministram, mourejando na escola, a nossa « Revista », analysando e discutindo os assumptos que directa ou indirectamente se referem ao ensino publico e á classe que o representa, tem procurado fazel-o, mantendo-se sempre dentro dos limites da sua esphera de acção, não se desviando uma só linha do programma traçado, desde a primeira phase da sua publicação.

O dever, sempre o dever, eis o principio que a tem levado ao campo da lucta, sem outro objectivo a não ser o de pugnar pela victoria da verdade e da justiça, em beneficio geral do ensino.

Assim é que, apoiada no criterio da verdade, divorciada completamente de tudo quanto possa degenerar em discussões apaixonadas e estereis, ella tem sempre procurado abordar todas as questões tendentes a elevar cada vez mais o nivel moral do mestre, certa de que este facto encerra o mais puro, o mais santo ideal que todo o professor deve acalentar, isto é, a relativa perfectibilidade da educação popular.

O resultado dessa nobre cruzada tem sido o que todos estamos observando: quanto mais surgem motivos de verdadeiro desanimo, de serio desalento para o mestre paulista, como que querendo impedir-lhe os passos no caminho que traçou em prol da infancia, tanto mais se lhe acrysola na alma o zelo, a dedicação, o amor pela espinhosa profissão que abraçou.

Confirma esta asserção a nova phase de combate, na tribuna, iniciada pelo incansavel professor paulista.



Já não lhe bastava a palavra escripta, para discutir os assumptos que se prendem á instrucção publica; já não lhe bastava a phrase impressa, para a solução das questões capitaes do ensino. Era necessario que essa palavra ecoasse vibrante, convincente nos recintos, onde se aggreemiam todos aquelles a quem o interesse e o amor pela instrucção do povo representam o interesse e o amor pela sociedade; era necessario que a Critica *falasse* alto e bom som, viseira erguida, levando a luz onde houvesse trevas, a verdade onde imperasse o erro, o bem onde se occultasse o mal.

Iniciaram-se, pois, as conferencias pedagogicas, nas quaes o professor paulista, firme, convicto, corajoso, para enfrentar com novas difficuldades que se lhe hão de deparar, vai continuar, impavido, a *fazer o bem pelo bem*.

A « Revista de Ensino », congratulando-se com o professorado publico de S. Paulo por mais este facto que vai, por certo, trazer grandes vantagens para a instrucção, apresenta, em seguida, a primeira conferencia realizada nesta capital, a 24 de Fevereiro p. passado, pelo illustre collega Arthur Breves, actual presidente da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

CONFERENCIA DO SR. ARTHUR BREVES

O orador começa a sua prelecção, lembrando que outros, com mais vantagem poderiam iniciar a série de conferencias que a Associação Beneficente do Professorado Publico pretende realizar aqui na capital, e no interior do Estado.

Impellido por suas idéas, julgou que devia obedecer á resolução da Directoria da Associação e isto explica porque aceitou uma tarefa que considera superior aos seus poucos recursos intellectuaes.

Recorda as palavras emittidas pelo sr. dr. Pedro Lessá: « Para o pensador, para o homem de sciencia, para todo espirito sério, nada mais futil do que indagar si este ou aquelle principio é exposto por A ou por B. O que importa é verificar si o principio é racional, accetavel, scientifico. »

O illustrado lente de direito syntethizou assim uma verdade incontestavel: no estado actual da civilização não se póde ser auctoritario.

Anima o orador, além disso, o que toda a Historia confirma, isto é, as idéas mais generosas e mais complexas, sempre tiveram como primeiros defensores bem humildes individualidades.

Vai tratar de um assumpto a respeito do qual muito se tem falado e escripto; mas, sob diversos aspectos, é ainda considerado de modo obscuro.

A *instrucção popular* é uma expressão que se tem prestado a muita elasticidade, encerrando em si desde o saber ler, escrever e contar até ás materias ensinadas em cursos especiaes.

Cumprе determinar-lhe claramente o sentido de modo a corresponder á realidade dos factos e aos principios estabelecidos pelos escriptores

Ha entre os programmas adoptados nos paizes que têm tratado seriamente da instrucção do povo, certa diversidade.

Esses programmas tendem todos, comtudo, para tornar integral a instrucção proporcionada ao povo.

Materias que não têm valor educativo não se devem inscrever num programma de instrucção popular.

Spencer diria que taes materias são as que concorrem para a conservação individual, para a bõa direcção da familia, para assegurar a ordem e o desenvolvimento das relações sociaes e tambem as artes que concorrem para a educação dos sentimentos. E aconselharia o estudo da mathematica, o das leis geraes da astronomia, physica, chimica, biologia e sociologia, sem se esquecer do das bellas-artes.

Tanto de cada materia quanto seja imprescindivel para comprehender a que se segue.

Incluindo-se nessa enumeração o conhecimento da lingua nacional, temos um programma que attende á integralização do ensino pela comprehensão do mundo, do homem e da sociedade, de accôrdo com as leis naturaes a que elles estão sujeitos, e que attende aos principios estabelecidos pelos pensadores do seculo passado. Segue-se:

1.º) que é facil e de grande alcance para o nosso paiz, manter-se a unidade politica, adoptando um programma para todas as escolas normaes do Brazil;

2.º) que a instrucção popular, sendo um interesse nacional, em vez de ser municipalizada, ha de centralizar-se cada vez mais, como já vai acontecendo na America do Norte, na Suissa, na Inglaterra e em outros paizes.

3.º) que o Estado, principalmente em paizes onde em grande maioria o povo é constituido por analphabetos, deve intervir no ensino publico, sem ter medo de gastar dinheiro, maximé si o governo é republicano.

A França, por exemplo, que a despeito de ter tido muitos especialistas notaveis e mesmo philosophos da estatura moral de Condorcet e Comte, gastava, quando se deu a restauração, 50 mil francos com a instrucção do povo; em 1879 a verba consignada no orçamento para esse ramo de serviço publico era de 30 milhões, e sob o governo republicano o augmento tem-se tornado cada vez maior.

Seendo educar uma das principais funcções do Estado actualmente, muitos entendem que se devem fundar escolas profissionais à tort et à travers. Trate-se ou não de profissões liberaes, o Estado só deve intervir quando ha falta de profissionais.

Cita o orador, para justificar esta parte da sua exposição, o que se deu na Suissa, em 1854. A criação dos caminhos de ferro e o estabelecimento de machinas e usinas em toda a Europa, offereciam grandes vantagens aos engenheiros e aos manufactores. O emprego do vapor que se tornou geral, exigiu por toda a parte operarios intelligentes e habéis.

Por isso, o governo fundou a escola polytechnica de Zurich, sob a fiscalização de auctoridades federaes, e da qual faz parte uma escola normal, e estabeleceram-se egualmente escolas especiaes, onde os operarios recebiam a educação theorica e pratica necessaria para lhes permittir luctar com os operarios inglezes.

Os norte-americanos entendem que a intervenção do Estado em materia de ensino não deve ir além da instrucção considerada necessaria para a maioria dos cidadãos.

Si o Estado deve, dizem elles, dar ao individuo uma profissão, tambem deve dar-lhe o trabalho correspondente. Mas, entrar nesse caminho, seria perigoso.

Tratando-se de profissões liberaes, ficará mais numeroso o proletariado intellectual, que muito tem concorrido e ha de concorrer para se tornar revolucionaria a solução da lucta entre a burguezia e as classes desfavorecidas da fortuna.

Entende o orador que, além do caso mencionado, o Estado deve intervir no ensino profissional, de conformidade com as circumstancias do paiz.

Assim, no Brazil, a intervenção será benefica si tiver por fim crear escolas agricolas, que hão de trazer, como consequencia, o augmento das fontes de producção, proporcionando, por outro lado, á mocidade uma carreira onde encontrará o bem estar.

Si o nosso paiz fosse cultivado como o é a Belgica, por exemplo, produziria o necessario para alimentar a humanidade inteira.

Entretanto, está escravizado aos paizes estrangeiros pelo capital, pelo commercio e pela producção. Lembra os sacrificios que tem feito o eminente scientista dr. Luiz Pereira Barreto, para conseguir relativamente muito pouco e pensa que um governo patriotico não hesitaria em confiar a esse nosso patriocio a organização de uma escola agricola modelo, nas proximidade da capital, mandando buscar, em outros paizes, professores praticos que ensinassem, por experiencias, os diversos processos de cultura.

de uma tal obediencia. Resta, pois, em alguns casos, appellar pelo *constrangimento*.

Os partidarios de *castigos severos* em caso de desobediencia ou rebelião, devem pensar no remedio soberano, o amor.

O amor intelligente, eis ahi o pharol que deve guiar o educador. Si pois a creança é inclinada á rebelião, maximé na evolução social actual, carece refreiar o seu temperamento eruptivo por meios racionais, dirigindo as energias rebeldes na via da nobre fraternidade humana que o Christo ensinou ao mundo pelo exemplo.

Severidade quando for precisa, mas sempre justa.

Assim é que não teremos nem impulsivos transviados, nem tartufos insidiosos.

S. Paulo, 26 de Fevereiro de 1904.
HIPPOLYTO PUJOL.

(Continúa)

Ensino racional

I

Ensino racional é o que se baseia nas leis da razão. Elle se funda na psychologia e na logica, pelo conhecimento das faculdades e pela ordem dos conhecimentos. O ensino assim ministrado requer o concurso da vontade, para ser attento; da attenção do espirito, para comprehender; do juizo e do raciocinio, para perceber as relações e ligar os conhecimentos novos aos antigos; da memoria, ajudada pela associação de idéas, e da imaginação para reter e finalmente do sentimento e da consciencia, para tornar proveitoso o ensino moral ministrado, auxiliados pelo espirito e coração. Nestas condições torna-se patente a mestres e discipulos a razão de ser do ensino.

Mas o ensino racional não é antagonico do ensino intuitivo, que se dirige ao espirito e ao coração por meio dos sentidos, mórmente da vista, cujo dominio é mais extenso e as percepções mais numerosas. Está na consciencia de todos que os conhecimentos mais solidos e duradouros recebemos pelos sentidos.

E, assim, dos conhecimentos concretos nos elevamos aos abstractos, do effeito á causa.

Este ensino está de pleno accôrdo com a natureza da intelligencia infantil, que não estando completamente desenvolvida, só poderá adquirir conhecimentos sensiveis, elevando-se das imagens, pela analogia, a outras ordens de conhecimentos. Este ensino, desenvolvendo o espirito de observação na criança—fonte incontestavel de conhecimentos reaes e aproveitaveis em todas as circumstancias da vida — torna-se um poderoso antidoto á monotonia, á rotina, inimiga figadal do espirito de iniciativa individual.

O ensino deve ser simples ou elementar. Assim sendo, devemos: lançar mão de expressões familiares ao alumno, afim de que as lições se tornem bem comprehensiveis; evitar multiplicidade de termos extranhos ao assumpto da lição; basear a significação de palavras novas, pela analogia ou identidade, em outras já conhecidas; ser sobrios em definições, de modo a não exigir do principiante definições reaes e rigorosas, mas justas e sufficientes.

O principiante, não podendo abranger num só golpe de vista todos os conhecimentos, pela fraqueza do seu poder generalizador, ha de, forçosamente, aprender por partes, subordinando-se ao ensino analytico-synthetico, que é o que mais convém ao curso primario.

No emtanto, isto não quer dizer que o ensino não deva ser coordenado e graduado. Não! Porquanto,

sem coordenação, sem a exposição clara das relações naturaes da logica, existente entre as partes de um todo, podem existir conhecimentos esparsos, mas nunca uma poderosa alavanca capaz de erguer o individuo ao nivel que comporta sua função na sociedade. A coordenação, pois, se determina pelo fim a que se propõe o professor e pela escolha do ponto de partida. A coordenação determina a graduação que nos induz a proseguir do simples para o composto, do particular para o geral, do effeito para a causa, do concreto para o abstracto.

O caracteristico essencial da conservação dos conhecimentos adquiridos é a *familiaridade*, que faz da sciencia um *habito* do espirito, como a virtude o é do coração. Assim, pois, o homem instruido não é aquelle que aprende, mas sim aquelle que retem os conhecimentos adquiridos.

O ensino sobretudo, deve offerecer vantagens para a vida pratica. Portanto o ensino deve ser pratico, não só quanto ao presente, como quanto ao futuro. No primeiro caso,

elle offerece vantagens tanto ao alumno como ao professor, porque contribue poderosamente para solidificar os conhecimentos ministrados, mostrando as vantagens da escola, pela concretização das lições. O ensino, pois, deve ser pratico no presente, porque pratico deve ser o fim do alumno ao sahir da escola, como está na consciencia de todos. No segundo caso, ainda pratico deve ser o ensino, porque a escola nada mais é que uma alavanca destinada a preparar o alumno para a vida a que é chamado a desempenhar na sociedade.

As theorias voam e as applicações ficam. Este conceito é confirmado a cada passo pelos alumnos de nossas escolas, os quaes se mostram capazes sómente naquillo que receberam praticamente de seus mestres. Portanto, é dever do professor exercitar praticamente os alumnos nas materias adequadas á vida que pretendem abraçar.

São Paulo—18—III—1904.

LUIZ CARDOSO.

Assim como a riqueza moral do Brasil depende da instrução popular, a riqueza material depende da instrução agricola, da polycultura. A questão social tambem está intimamente relacionada com o ensino publico.

Tendo conquistado a liberdade politica, era natural que ahi se não detivesse o operario.

A liberdade é um meio; o bem estar é o fim; dahi a lucta entre capital e trabalho.

Na Europa e na America do Norte, tem-se procurado suavizar essa lucta pela legislação: oito horas de trabalho, tribunaes, arbitros, etc.

Não são, porém, medidas sufficientes, tanto assim que a Europa vive em paz, mas armada até aos dentes.

O operario ignorante tem, e não póde deixar de ter, tendencia para o que é imaginoso, principalmente quando lhe acenam com a satisfação immediata dos seus interereses materiaes; assimila com facilidade o socialismo utopico.

O operario instruido está nas condições de comprehender o socialismo scientifico, hoje sob o dominio da sociologia.

Nada vale tambem a Republica, sem o povo instruido.

Na antiguidade, na idade media e mesmo na idade contemporanea, degenerou em dictadura militar, em olygarchias tyrannicas. Por isso, sempre que um povo adopta uma fórma de governo liberal, trata-se, antes de tudo, da instrução publica.

Foi o que aconteceu na America do Norte e na Suissa.

Em abstracto, todas as fórmas de governo são justificaveis e boas.

Si a educação popular é assim um interesse de vida ou de morte nas sociedades modernas, é claro que, além de um bom systema de instrução, é necessario proporcionar vantagens e regalias á corporação docente.

Um bom systema sem um professorado que se sinta bem na sua profissão é um corpo sem alma, um vegetal sem seiva, um organismo que se não vivifica pela circulação do sangue; definha, decompõe-se, desaparece.

E o governo gastará inutilmente o dinheiro do povo, mantendo escolas e profissionaes que só pensam em abandonar o magisterio publico.

Foi, pois, um erro a redução nos vencimentos dos professores.

O orador sustenta a opinião dos que entendem que relações entre o Estado e seus funcionarios são as de um contracto bilateral.

O governo, ou melhor, o Congresso, revogou o contracto que, por lei, havia firmado com os professores. Mas, uma vez que concordaram com

a nova convenção feita pelo Congresso, será inútil recorrer ao poder judiciário.

Desenvolva, neste ponto, longa e convincente argumentação.

Confia, porém, nos chefes políticos dignos deste nome, sejam ou não governistas, que saberão defender a causa do professorado, que é a da República, que é a do povo.

Em vez da anarquia e da decadência em que vai actualmente o sistema de instrução popular em nosso Estado, ha de se fazer do magisterio publico uma carreira em que os professores encontrarão o necessario estímulo para ter apêgo á sua profissão.

Mostra finalmente que todos os chefes de Estado, nos paizes mais civilizados, consideram a elevação mental do povo como interesse vital para as instituições liberaes e para a propria sociedade.

Libertámos, com grande sacrificio, o homem de côr; precisamos livrar a nossa patria de uma escravidão mais oppressora e de mais funestas consequências.

E todos aquelles que concorrerem para essa cruzada bem mais gloriosa, poderão dizer com o nosso querido Castro Alves:

Depois morrer, que a vida está completa.
Rei ou tribuno, Cesar ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta ouvir do fundo lá da cova
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós.

QUESTÕES GERAES

Educação nacional

(CIVISMO E FORMAÇÃO DO CARACTER)

III

(CONTINUAÇÃO)

A obediência e o instinto de rebeldia nas crianças

Entre os meios geraes de que dispõe o educador para formar o caracter da criança, o que occupa o primeiro lugar é a *obediência*, seja na familia, seja na escola.

Diz o grande reformador saxonio (Luther): « a primeira coisa a exigir da criança é a obediência. « Onde falta esse predicado, tudo se desmorona; pois quando a insubordinação reina na familia, reina ella « tambem na aldeia, na cidade, na « provincia, no estado. »

É a obediência que faz dobrar a vontade nascente das crianças, deante da nossa, o que implica um sacrificio muito sensível ao orgulho innato de todo o homem e já vivaz na criança. Ora, esta deve ser educada de conformidade com a sua natureza; é este um principio irrecusavelmente admittido na sciencia educativa. Mas, tratando-se de desenvolver ao mesmo tempo a natureza physica, as faculdades intellectuaes e as faculdades moraes e religiosas duma criança, não podemos

ainda conhecer plenamente esta, cuja educação comprehendemos, não no domínio psychologico... Quantas tentativas, quanto estudo, quanto sciencia do coração se exigem do educador!

A energia indomavel do allentão, a seriedade e a attivença do seu caracter, a paciencia heroica com que elle se dedica aos mais arduos e difficis problemas scienticos são os resultantes dos principios postos em pratica por seus educadores, e desses principios o primeiro é a *obediência*.

O instinto da rebeldia governa, domina quasi todas as crianças; mas devemos habituar estas a fazer o que devem, em todas as occasões, para com todos; devemos levá-las a isso por aquella obediência que se obtem pela docura e a firmeza, pela razão e o sentimento, pela persuasão e pelo exemplo, augmentando gradualmente o imperio da vontade sobre suas pequeninas paixões e seu instinto. Essa é a obra primordial do educador, pois a educação outro não é senão o auxilio esclarecido, affectuoso, assiduo, prestado á criança na lucta que ella travou já bem cedo contra seus maus instinctos. O contrario disso seria ignorar de todo a physiologia infantil.

Devemos, é verdade, habituar muito cedo a criança á obediência (mesmo absoluta) e á disciplina; mas não ha obediência sem respeito ao professor. Na Europa, nos paizes bem orientados, o professor goza de uma

veneração geral, alta e solenne. Aqui não tem vibração sonora, quando devia ser, na phrase de V. Hugo, o primeiro funcionario do Estado.

* *

Ha creanças normaes, e ha creanças anormaes.

Debaixo dessa camisola e calças curtas ha um «homem», dominado por todas as paixões humanas, e tanto mais terríveis si a creança for anormal, e si a educação não souber impôr, como um freio salutar, nenhuma influencia sobre as *faculdades mestras*.

O problema psychico da rebellião das creanças é mais arduo do que parece, porque o educador não deve admittir nem uma creança voluntariosa, intolerante, imperativa, loucamente audaciosa, nem um santinho que se resigne sempre, que abdique toda vontade, e que prefira tornar-se um ente cheio de astucia, sempre prompto a enganar os que o cercam. Nem discipulos de Ravachol, nem tampouco discipulos de I. de Loyolla! Si a obediencia muitas vezes é inseparavel do constrangimento, a obediencia voluntaria tambem nasce da *Confiança*. Mas a obediencia absoluta é infelizmente necessaria em alguns casos, porque prepara as creanças ao cumprimento das leis que mais tarde devem observar como cidadãos, isso, sem comtudo abusar da submissão dos educandos, expondo-se a sua desobediencia; isso sem tornar a disciplina odiosa sem fazer escravos, afim de não suscitar idéas de revolta. E' um effeito muito penoso obedecer a um mestre secco e duro, sobretudo quando este multiplica com excesso as prohibições e as prescripções.

* *

M^{me}. Necker de Saussure aconselha aos pais conservarem junto de si seus filhos, até á idade de 10 a 12 annos, si as circumstancias o per-

mittem. Com effeito, devemos notar que em muitas creanças manifesta-se, na idade de 7 a 8 annos, como uma crise de indocilidade, contra a qual certos paes não têm a coragem de reagir. Chega uma época em que a creança conhece a que ponto pôde infringir a disciplina de familia que lhe é imposta. Torna-se então mais travessa, com tendencia á insubordinação. A auctoridade dos paes acaba por ficar gasta. Chega pois a hora de mandal-a para o collegio. Toca então á disciplina escolar fazer esquecer os mimos do lar paterno.

E' digno de reprovação o *excesso* de regularidade nas escolas, excesso que tira á creança toda liberdade pessoal e o habito da iniciativa quando tem uma vontade fraca. Si, pelo contrario, a creança tem um caracter energico, provoca nella uma necessidade de reagir, donde resultam, não raras vezes, grandes faltas contra a disciplina escolar.

E' funestissima a mania de regulamentação que se ostenta em quasi todos os nossos estabelecimentos de instrucção publica, sob o falso pretexto de dar assim aos educandos habitos de ordem e disciplina. Si muitas vezes o exercicio da auctoridade dos paes é cheio de ineptias e caprichos, deve o pedagogo levar em seu trabalho reflexão e methodo, interdizendo aquillo que se *pode* impedir, e prescrevendo só actos a que se *pode* constranger a creança.

A obediencia não é um *fim*, mas sim um *meio* e a disciplina que se baseia sómente sobre a *obediencia absoluta* é nociva á affeição mutua do educador e do educando.

Na verdade, o ideal do educador seria obter a obediencia das creanças pela sua unica auctoridade moral; mas as creanças, maximé nos primeiros annos de sua vida são demais levianas, demais estouvadas, mui pouco razoaveis, para serem capazes

PEDAGOGIA PRATICA

Deserção de Calabar

Quando os holandezes tentaram a posse do norte do Brazil, Domingos Fernandes Calabar, alagoano que militou por muito tempo junto ás forças que se lhes oppunham, passou afinal para o lado desses conquistadores e junto a elles permaneceu até que, em consequencia duma cilada urdida por Sebastião Souto, cahiu Porto-Calvo em poder das forças de Mathias d'Albuquerque e entre os prisioneiros de então achou-se Calabar que, como expiação pelos serviços prestados aos seus novos alliados, subiu ao patibulo no dia 22 de Julho de 1635, no mesmo logar em que havia nascido.

Esse auxilio de Calabar aos holandezes foi sempre considerado como grandemente criminoso e o infeliz brasileiro é, em quasi todos os compendios de historia do Brazil, apresentado á nossa mocidade como traidor infame cuja morte, como elle a teve, foi, dizem, justa e merecida; e é contra este rigor de tratamento que devemos oppôr alguma resistencia, porque, interpondo-se a Calabar e nós o longo espaço de 269 annos, podemos, sem paixão, julgar com mais brandura esse tão ousado quão infeliz mameluco.

Em 1580, Philippe II amparado em 25.000 baionetas fez entrar em Portugal o duque d'Alba que pela

lei da força abateu os portuguezes e submetteu a patria de Camões, e estava pois o Brazil em pleno dominio hespanhol, quando Calabar passou-se para os holandezes, o que significa que deixou um governo invasor para abraçar outro governo invasor: e neste caso não deve ser tão severamente condemnado, porquanto os brazileiros por estarem a mais tempo submettidos aos invasores hespanhóes não podiam tel-os em conta de menos intrusos que quaesquer outros intrusos.

Seria o inditoso alagoano um traidor si prestasse auxilio a alguém que pretendesse a posse do Brazil, quando em dominio portuguez; mas si o proprio Portugal havia perdido a sua independencia e pela lei da força o Brazil passou ao conquistador victorioso, este não podia ser bem visto por seus dominados que sempre teriam o direito de sacudir o jugo oppressor para se fazerem independentes, em primeiro logar, ou para voltarem á mãe patria, em segundo caso, ou finalmente para se entregarem a quaesquer outros dominadores que lhes parecessem menos cruéis que os hespanhóes.

Demais, os tratadistas são accordes na affirmção de que a cõrte de Madrid tratava o Brazil com revoltante menosprezo, e uma boa prova de tal desconsideração teve o proprio Mathias d'Albuquerque que, estando naquella capital na occasião em que o

governo foi avisado de que se dirigia ao Brazil uma esquadra composta de 70 navios sob o commando de Henrique Lencq e de tropas consideraveis commandadas por Theodoro de Vandenburg, recebeu 3 caravelas e 27 soldados com que foi mandado ao Brazil onde não havia tropas, nem dinheiro, nem material e onde, com esse ridiculo auxilio, deveria enfrentar com tão formidavel inimigo!

Sabemos tambem que Fradique de Toledo foi convidado para tomar o commando duma divisão que o duque d'Olivaes pretendia mandar para aqui, e porque Fradique pedisse 12000 homens e o apresto necessario para o bom exito da missão de que se lhe incumbia, metteram-no numa prisão onde veiu a morrer. Ora, tudo isto nos induz a suppôr que na côrte de Madrid havia o proposito de se conservar os brasileiros numa lucta impossivel por desigual e que por desigual teria como desfecho o exterminio dos filhos desta terra.

Em taes condições não nos parece que corações brasileiros pudessem pulsar fortemente por homens que tinham invadido o Brazil ha mais tempo, mas que não deixavam por isso de ser invasores, com a circumstancia aggravante de nos tratarem de modo selvagem e tão humilhanamente selvagem que, diz Abreu Lima, quando o general Segismundo tomou os fortes de Cabedello os habitantes da povoação queimaram-na e retiraram-se para o interior, porém, vexados e irritados pela conducta relaxada dos soldados hespanhóes e italianos, preferiram voltar e entregar-se á mercê dos holandezes.

Estas considerações devem ser sufficientemente pesadas por nós outros que estamos bastante distanciados daquelles tempos e que por isso podemos examinar os factos com liberdade de espirito e completo desapego de paixões; e si estabelecemos

um paralelo entre o proceder de Calabar e o procedimento de Jaguary (que depois tomou o nome de Simão Soares) chegaremos á convicção de que este não teve o seu nome infamado pelos historiadores, porque teve a felicidade de ser menos cruelmente punido por sua deserção e poude, já que lhe conservaram a vida, mostrar a sinceridade do seu arrependimento.

Effectivamente, Simão Soares e Domingos Calabar estiveram ao lado dos holandezes, mas o primeiro quando apanhado pelos portuguezes, foi mettido no forte do Rio Grande e ahi conservado até que os holandezes o libertassem, emquanto que o segundo quando foi capturado pelos portuguezes, foi immediatamente levado á forca, e essa desigualdade de sorte talvez concorresse para a diversidade de modo porque ambos são tratados nos diversos compendios.

Simão Soares não teria provado o seu arrependimento si tivesse perdido a vida na forca e talvez o seu nome fosse historiado como o é o de Calabar; e este, si fosse posto em uma prisão e restituído por fim á liberdade, talvez tivesse provado o seu arrependimento, pois que, segundo diz Joaquim Manoel de Macedo, elle morreu profundamente arrependido.

Não se conhecendo as razões que actuavam sobre Calabar, determinando-lhe o passo que o levou á morte, eu, acompanhando o Dr. Americo Braziliense, penso que o seu nome não deve ser tão duramente anathematisado e ainda menos apontado pelos professores aos seus alumnos, mediante dizeres pungentes que mais possam vir a perpetuar de modo triste e doloroso a memoria desse infeliz brasileiro.

J. F. MARCONDES DOMINGUES

O ensino das côres

POR

MARCIUS WILSON

(Do «Manual of information and suggestions for object lessons.»)

Traduzido livremente d'El Monitor de la Educacion, por Arnaldo Barreto.

I

Aos nossos collegas recommendamos com insistencia esta série de artigos sobre o ensino das côres.

Além da sua parte eminentemente suggestiva, o modo pratico de proporcionar esta disciplina aos alumnos está magistralmente desenvolvido, facilitando um ensino que, entre nós, tem sido uma verdadeira difficuldade, não obstante a sua grande importancia educativa.

Esforçar-nos-emos por apresentar aqui vistas tão completas quanto nos permittam os estreitos limites em que somos obrigados a encerrar-nos, respeito aos principios das côres, ás suas diferentes combinações e proporções, ás suas gradações, sombras e matizes, e aos variados effeitos harmonicos ou discordantes que sóem produzir as côres umas sobre outras, quando se combinam ou juxtapõem.

Parece-nos que as creanças assimilarão, sem grande esforço, todos os factos e principios aqui exarados; os quaes, além de lhes fazer conhecer as novas e assombrosas phases das bellezas da Natureza e a sua philosophia, se prestam admiravelmente como instrumento ao cultivo da sua observação e das suas faculdades reflexivas.

Urge, porém, que o mestre explique aos alumnos taes principios, afim de que elles possam depois fazer as necessarias applicações, construindo

os quadros, respondendo ás perguntas, fazendo os exercicios e ainda, desenvolvendo mais os principios das côres.

I—PRINCIPIOS GERAES SOBRE A LUZ, A SOMBRA E A CÔR.

Um raio de luz solar, que por si mesmo é branco, pôde separar-se, passando através de um prisma, em um numero indeterminado de côres diferentes, que se distribuem em sete grupos, a saber:

VERMELHO,

alaranjado,

AMARELLO,

verde,

AZUL,

anilado,

rôxo ou violeta.

Os raios coloridos que por esse modo se obtêm, constituem o que se chama o espectro solar.

Comquanto todos os raios comprehendidos no mesmo grupo não sejam identicos, relativamente á sua côr, são entretanto considerados como si se differenciassem mais ou menos entre si.

Esta é a theoria newtoniana sobre a luz.

Quando um objecto qualquer reflecte, de uma só vez, para a vista humana, o conjuncto de todos os raios solares, elle apresenta a apparencia do que chamamos branco; quando não reflecte nenhum raio, isto é, absorve a todos, apresenta-nos o que erradamente chamamos côr negra.

Ora, si um corpo qualquer tem a propriedade de absorver ou de reflectir um ou mais raios do sol, facilmente se comprehende porque os diversos objectos são differentemente coloridos.

Assim, si um objecto está colorido de azul, é porque só reflecte o raio azul, absorvendo todos os outros raios;

o objecto AMARELLO é o que só reflecte para a vista humana o raio amarello, etc.

Apesar, porém, do principio geral que ahí estabelecemos, os objectos, ainda os mais negros, reflectem alguma luz branca, o que pôde observar-se por exemplo, em um tinteiro de tinta bem preta, em cuja superficie apparece uma especie de lustre branco, que parece circumdall-o todo. Todo objecto colorido, por exemplo, de vermelho, reflecte tambem, além do vermelho, uma pequena parte de todos os outros raios; porém, como predominam vantajosamente os raios vermellos, diz-se que o objecto é vermelho.

Este principio ficou indiscutivelmente firmado pelas experiencias de David Brewster. A elle reportaremos mais tarde, quando nos occuparmos de estudar o effeito que produzem as cores umas sobre outras, ao se juxtaporem.

O que é evidente é que os raios coloridos, que se absorvem, são de cor differente daquelles que se reflectem; como tambem é evidente que, si se reunissem as duas classes, uma neutralizaria a outra, produzindo invariavelmente e sempre a luz branca.

É esta propriedade, justamente, de duas luzes coloridas de modo diverso, e que, combinadas em certas proporções, reproduzem a luz branca, o que chamamos luzes coloridas, complementares uma da outra, ou o que significa o mesmo, cores complementares.

(Nota: Explicado o que acima se disse, o professor deverá interrogar a classe, afim de certificar-se si os alumnos bem assimilaram os phenomenos sobre a diversidade de coloração dos objectos.)

EXERCÍCIOS

— Porque um objecto apparece vermelho?

Porque absorve todos os raios solares e só reflecte, só emite o raio vermelho.

— Porque se mostra amarello? — azul? — alaranjado? — verde? — encarnado?

II. — A COMBINAÇÃO DAS CORES CONFORME SE APRESENTAM NA ESCALA CHROMATICA.

Comquanto um raio solar, isto é, a luz branca, possa dividir-se em seis ou sete grupos diversamente coloridos, só tres d'entre elles, o vermelho, o amarello e o azul, constituem cores simples, a que chamaremos CORES PRIMARIAS.

Os outros tres ou quatro, (chamados SECUNDARIOS OU DERIVADOS) são produzidos pela combinação dos tres grupos primarios.

Tem-se demonstrado que si se tomarem as tres cores primarias, em gráu equal de intensidade, ou por outras palavras, o vermelho, o amarello e o azul, na sua maxima pureza, como nos offerece o espectro solar, e as combinarmos na proporção de 3 partes de amarello, 5 de vermelho, e 8 de azul, chegaremos a produzir o branco caracteristico da luz.

Por outro lado, si as combinarmos de modo a que as proporções de duas quaesquer dellas predominem consideravelmente sobre a terceira, conseguiremos um effeito inteiramente opposto, isto é, chegaremos a produzir uma cor cinzenta carregada, quasi proxima ao negro.

Assim, a união dos raios solares em dadas proporções para produzir o branco, nos offerece a escala chromatica para todas as combinações regulares das cores.

No centro dessa escala ficará um circulo negro, que pôde representar um objecto que absorvesse todos os raios solares, e que, por conseguinte, apparecerá tambem negro; ou então uma mescla dos raios em certas proporções differentes das que constituem o branco.

Agrupados em torno desse centro, ha seis grandes circulos, designados

ELECTRICIDADE

SUAS IDÉAS FUNDAMENTAES E SUA APPLICAÇÃO TECHNICA (1)

— Que será, mestre, *electricidade*?

Muitas vezes tenho reflectido sobre esse agente physico poderoso, cujo emprego universal, dando ao homem força e luz, tem hoje impulsionado tanto a iniciativa industrial, commercial e artistica.

Sempre, porém, me paira o espirito indeciso e mudo ante a difficuldade da resposta e depara-se-me logo esta: Não sei.

— Que será *electricidade*, doutor?

Creio que vós, professores, que, diariamente, vos consagraes ao estudo dos mais assombrosos elementos — como o ar e a agua — com mais promptidão e acerto podereis explicar-m'o, em succintas phrases, pois estaes muito familiarizados com os multiplos phenomenos que lhe são proprios.

— Sim, meu caro; mas não é tão facil como pensas: nós nos deixamos sempre impressionar pelas manifestações interessantes desse grande elemento de progresso e, ao seu conhecimento dedicamos mesmo muitas horas das nossas locubrações, no secego dos nossos gabinetes de trabalho. Apesar disso, porém, facil não é dar-te uma idéa desse agente mysterioso, de sua essencia, á laconica interrogação — que é *electricidade*?

— Sabes que definir não é facil, e que toda a definição deve comprehender o todo definido; deve convir sómente ao definido e dar a mais luminosa e distincta idéa da coisa definida. Eis porque, muitas vezes, nos emudecemos ante insignificantes perguntas — algumas até pueris — e com tres ou quatro palavras se nos afigura difficil a resposta.

(1) Accommodação para a Revista, de um trabalho de dr. C. Reinken, professor de Electricidade, na Escola Polytechnica de München.

pelas palavras AMARELLO, VERMELHO e AZUL, que representam as cores primarias, e a que podem referir-se, respectivamente, as cifras 3, 5, e 8, para exprimir as proporções em que se combinam para produzir o branco.

O amarello e o vermelho, porém, combinados em suas respectivas proporções (3 e 5), produzem o ALARANJADO; o amarello e o azul, combinados tambem, segundo as suas proporções, (3 e 8), produzem o VERDE; o azul e o vermelho, (8 e 5) produzem o PURPURINO, e occupam os circulos intermediarios aos tres grupos primeiros.

Estas cores: alaranjado, verde, purpurino — chamam-se secundarias, porque se produziram em SEGUNDO LO AR, isto é, resultaram de combinações entre as tres cores primarias.

Ficam, d'ora avante, sabidas tambem as proporções em que estas se combinaram para produzirem aquellas; e mais, que o alaranjado tem oito partes de luz colorida, isto é, amarello 3, + 5 de vermelho; o verde, onze partes: amarello 3, + 8 de azul; o purpurino, treze partes, azul 8, + 5 de vermelho.

O anil, que, antigamente se indicava entre as cores secundarias, nada mais é que um purpurino azul escuro. (1)

(Continúa.)

(1) Alguns escriptores ainda dizem que proporções eguaes de vermelho e amarello produzem o alaranjado; eguaes proporções de amarello e azul, produzem o verde, etc. Isto poderia ser verdade si as cores tivessem o tom preciso para produzirem semelhante effeito. Em lugar de combinar cinco partes de vermelho com tres de amarello para produzir o alaranjado, é evidente que poderíamos tomar cinco partes de cada um, si diminuíssemos o tom ou a intensidade do amarello e augmentássemos o do vermelho. Tudo depende, pois, de saber-se que tons das differentes cores se devem tomar como typo ou como cor normal; mas, como é impossivel encontrar representação pura dessas tres cores, com a circumstancia de que seja sempre egual, melhor é tomar-se um typo que não varia nunca, e esse só existe nas cores que se vêm no espectro solar. O vermelho, o amarello e o azul do espectro solar, devem, pois, tomar-se como typo dessas cores, como cor normal.

— Si te perguntassem, por exemplo — que é ar ou que é agua, como te arranjarías?

— Certo; dirias logo que um dos corpos — a agua — é um producto da combinação de dois gazes, ou um resultado da synthese do *hydrogenio* com o *oxygenio*; é um corpo tão visível quanto palpavel. Quanto ao ar — que toda a gente conhece pelos efeitos ás vezes funestos — embora não o possamos ver, dirias que é uma mistura de dois gazes — o *oxygenio* e o *azoto* — e de muitas outras substancias.

Mas ficamos na mesma.

— Que é o ar? Que é a agua?

Sómente os conhecemos pelos seus efeitos e delles só temos idéa pelo conjuncto de suas propriedades.

Decompõe-os em seus elementos não é difficil-os: leva-nos um passo para traz e ainda persiste o quesito: — que são?

Si, porém, virmos a acção delles sobre as outras coisas do mundo, teremos uma idéa do seu ser e de sua essencia que muito bem nos satisfaz ao quesito.

Com a electricidade se dá o mesmo. Ha, porém, uma differença: as qualidades, as propriedades physico-químicas do ar e da agua — os seus efeitos — são muito mais conhecidos e vulgares.

— Que é que está mais proximo, mais ao alcance do homem: o visível ou o invisível?

— Exactamente. Bem vêes que é o visível: uma substancia, cuja existencia e cujas propriedades se conhecem apenas por meios indirectos, é muito menos accessível ao homem que outra, cuja explicação se faz por meios directos.

— Assim, por exemplo, com qual dos corpos estás mais familiarizado: com a agua, com o ar ou com a electricidade?

— Sim. Uns pensam estar mais familiarizados com a agua do que com

o ar e outros mais com o ar do que com a electricidade.

— Bom. Já vêes então que deves ter primeiro idéas claras dos efeitos da electricidade ou de suas manifestações, para depois, tomando o conjuncto dessas impressões, responder á pergunta — que é electricidade?

— Eis porque acho que a tua interrogação não foi bem feita: devias perguntar — quaes as manifestações, quaes os efeitos da electricidade?

— Sim; não ha duvida. Mas acho que, estudando assim, logo em primeiro passo, de sopetão, o conjuncto desses efeitos — palmilhamos um terreno falso e nos embrenhamos nas regiões desconhecidas da electricidade, sem estabelecermos um elo de ligação com o conhecido; e desconfio que ahi nunca nos acharemos bem — embora se nos diga ou se nos demonstre que feito isto ou aquillo, a consequencia será esta ou aquella.

— Bom: tens razão. Queres conhecer o grande agente physico em todas as suas phases, desde a primeira pagina que despertou a humanidade, até ás ultimas que observamos hoje.

— Perfeitamente; necessito ser conduzido aos poucos, paulatinamente, do conhecido para aquillo que ignoro: por enquanto, só me é accessível o que é material e conhecido.

Seguindo, pois, esse bom methodo, terei forçosamente comprehensão do que se passou.

— Terás, sem duvida. Os efeitos da electricidade não se manifestaram todos na mesma época: primeiro estudou-se e se conheceu um; depois outro e depois, outro. Até chegar aos muitos que notamos hoje, soffreram — como tudo aliás — uma grande evolução, que mais uma vez justifica a lei: a natureza não dá saltos.

Começarei, por isso, as minhas explicações, fazendo comparação com materias que te sejam conhecidas, para dahi passarmos ás propriedades da electricidade.

— Bom; mas não faço empenho em descer aos mais insignificantes detalhes ou ás mais insignificantes manifestações da electricidade. Basta-me o saber como ella actúa nas *máquinas de luz*, nos *reophoros* ou *condutores*, nas *lampadas* e, sobretudo, de que modo opera nas *vias ferreas*.

Este ultimo ponto é o capital dos meus quesitos, pois correm pela nossa cidade muitos bondes, aliás bem solidos e elegantes, e eu queria conhecer tudo quanto existe sobre esse systema de tracção.

— Ah! meu caro! Não se vai assim com tanta sêde ao póte; tens que esperar muito: vamos fazer uma longa digressão.

Por enquanto vejamos algumas considerações geraes que são imprescindiveis, apesar de manterem relação remota com as applicações do agente de que tratamos.

— Em qual dos estados physicos dos corpos poderíamos collocar a electricidade: no solido, no liquido ou no gazoso?

— Perfeitamente: no liquido. A electricidade compara-se bem com um liquido; e dahi vêm as expressões — *correntes electricas*, *escoamento de electricidade*, etc.

E vamos aproveitar, por isso, essa analogia com a agua: veremos que muita coisa que se dá com agua, dá-se com a electricidade e faremos a passagem do que é conhecido para o desconhecido. *Nadaremos* para as *plagas* desconhecidas da electricidade.

(Continúa)

A. DE C.

GEOMETRIA

26.ª LIÇÃO

No numero 5 do 2.º anno da nossa «Revista» dissemos que na presente lição trataríamos das linhas curvas em geral.

Começemos, pois, mostrando aos alumnos uma linha curva e façamos com que as creanças nos mostrem nos diversos objectos escolares muitas linhas curvas.

Tracemos no quadro negro uma linha curva fechada e digamos que esta figura se chama *circumferencia*.

E' claro que o alumno interrogado a definir o que seja *circumferencia*, dirá: — «Circumferencia é uma linha curva fechada». Neste ponto o professor deverá observar que a definição de *circumferencia* não está perfeita, porque não é bastante que a linha curva esteja fechada para receber tal nome. Tracemos ao lado da *circumferencia* uma *ellipse*, por exemplo e mostremos que pela definição dada pelo alumno a *ellipse* seria tambem uma *circumferencia*. Procedamos de modo que os alumnos fiquem percebendo que para que uma linha curva fechada receba o nome de *circumferencia*, é preciso que — *todos os seus pontos distem igualmente de um ponto interior chamado centro*.

Depois disto podemos exigir a definição completa de *circumferencia*.

Tiremos diversos raios em uma nova *circumferencia* traçada no quadro negro, á similitude de uma roda de carro, e perguntemos a um dos alumnos si elle já viu algum objecto parecido com aquella figura.

Talvez elle se lembre da tal roda de carro. Si assim for, perguntemos que nome se dá na roda do carro, áquellas linhas que partem do centro até encontrar a roda.

E' provavel que o alumno diga que se chamam *raios*, ao que confirmará o professor, dizendo que em geometria tambem se dá o nome de *raio* a toda a recta que parte do centro até á *circumferencia*.

— Muito bem. Diga-me uma coisa, Samuel, os raios de uma roda de carro são de tamanhos diferentes ou eguaes?

—Eguae, dirá naturalmente o alumno.

—E naquella figura, Tito, os raios serão eguae?

—São, sim, porque todos elles partem do centro.

—Porque serão eguae todos os raios, Mario?

—Porque o centro está bem no meio da circumferencia.

—Sim, porque o centro está *egualmente distante de todos os pontos da circumferencia*, emendará o professor.

Não nos esqueçamos de mostrar aos alumnos a differença entre *circumferencia e circulo*.

Prolonguemos um dos raios até encontrar novamente a circumferencia e perguntemos quantos raios se formaram.

—Formaram-se dois raios, dirá o alumno interrogado.

—Bem; estes dois raios formam uma só linha, não é exacto? Esta linha inteira toma agora o nome de *diametro*. Vejam bem que o diametro passou pelo centro da circumferencia, tocando nesta em dois pontos que nós vamos chamar *a e b*.

—Quem será capaz de dar a definição de diametro?

—Diga você, Garibaldi.

—Diametro é a linha formada pelo prolongamento de um raio até encontrar novamente a circumferencia.

—Perfeitamente.

—Você, Castro, será capaz de definir o diametro de uma outra maneira?

—Diametro é a linha recta que toca a circumferencia em dois pontos, passando pelo centro.

—Muito bem, Castro; muito bem Garibaldi. Ambas as definições de diametro estão correctas. Vocês, portanto, estão vendo que quando entendemos uma coisa podemos com facilidade defini-la. Estas definições

nunca devem ser decoradas, mas sim ditas com as proprias palavras do alumno, como fizeram vocês dois.

Sigamos analogos processos para as demais linhas que se podem traçar na circumferencia e ensinemos em diversas lições tudo o que fôr concernente a esta figura, taes como, *tangente, seccante, corda, flexa, arco, zona, sector, segmento, corôa*, etc., etc.

Com estas lições temos chegado ao fim da geometria plana ensinada nas nossas escolas, restando apenas a parte referente ás areas das diversas figuras.

Os processos praticos para a avaliação destas áreas acham-se em qualquer compendio de geometria, principalmente no de Olavo Freire, como já tivemos occasião de dizer na lição 25.^a, pelo que achamos desnecessario a repetição aqui destes processos.

Tivemos apenas em vista mostrar o methodo e a ordem de ensino desta materia nestas vinte e seis lições, conforme o nosso modo de pensar. Que sejam elles de efficazes resultados na pratica do ensino, são os nossos mais ardentes desejos.

Não tivemos a pretensão de ter descoberto a polvora, dando publicidade na «Revista» ao methodo de ensino de geometria plana por nós imaginado; apenas procurámos auxiliar aos novéis collegas, principalmente os do interior na transmissão desta materia que faz parte do programma organizado para as escolas preliminares do Estado de S. Paulo.

Conseguimos o nosso intento?

Capital—1—4—1904.

ANTONIO PENNA.

PEQUENO TRATADO

DE

Leitura em voz alta

PARA USO DAS ESCOLAS PRIMARIAS

e de todos aquelles que têm de lèr ou de falar em publico

POR

ERNESTO LEGOUVÉ

Traduzido pelo dr. Abilio Cesar Borges

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

Nos Estados Unidos da America do Norte a leitura em voz alta é contada entre os elementos mais importantes da instrucção publica: — é uma das bases do ensino primario alli.

Em França não tem ella siquer o valor das que se chamam bellas-artes: — é apenas olhada como uma curiosidade, como um luxo, e, ás vezes, como uma jactancia ou fanfarrice.

Percorrei todos os graus da instrucção, e não a encontrareis em parte alguma.

Ha por ventura em nossas escolas primarias um curso de leitura, um concurso de leitura, um premio de leitura em voz alta? Não.

E nas escolas normaes? Não.

Nos lyceus? Não.

Nas escolas industriaes e commerciaes? Não.

Nem os mestres, nem os discipulos aprendem a lèr.

Passai das casas de educação á sociedade; observai, uma por uma, todas as profissões liberaes: — a onde se acha tal estudo?

Os advogados aprendem a lèr? Não.

Os magistrados? Não.

Os tabelliães, os membros das sociedades literarias e scientificas? Não.

Ha mestres para todos os nossos orgams, para todos os nossos membros, para todos os nossos exercicios.

Ensinam-nos a dansar, a saltar, a correr, a jogar o sócco e as armas: — sómente o orgam de que usamos sempre em todas as circumstancias da vida; o instrumento que nos serve de intermediario em todas as nossas relações com os outros homens — a voz — não é objecto de educação alguma.

De onde procede esta singular anomalia? — De tres erros.

Despreza-se ou repelle-se o estudo da leitura em voz alta:

- 1.^o Como inutil.
- 2.^o Como accumulativo.
- 3.^o Como impossivel.

Examinemos as tres objecções, com relação ás escolas primarias.

§ 1.^o

UTILIDADE

Alguns espiritos, com fóros de graves, dizem:

«Tudo no ensino primario deve ter um caracter sério e pratico.

«A arte da leitura póde servir de complemento agradável na educação das classes ricas; póde formar bellos recitadores de salão, e mesmo comediantes; mas, porque titulo ha de ser ella introduzida no programma severo e sobrio das escolas primarias?

«O que este programma encerra é a grammatica, a arithmetica, a geographia, a historia.

«Que irá fazer em uma companhia tão austera essa arte amavel, que tem toda a graça, mas tambem toda a frivolidade de um divertimento mundano?

«De que servirá aos filhos e filhas dos camponios e dos obreiros? De que servirá aos preceptores dos mesmos?»

17 9 2007

mi dor - - mi dor -

mi dor mi

rall. e sfu - mato

DIVERSOS

Arnaldo Barreto

No dia 2 de Fevereiro deixou a redacção desta Revista, o professor Arnaldo Barreto.

Muito significativa foi a manifestação que, com justo motivo, então, lhe fizeram seus amigos e collegas.

As salas da nossa Associação achavam-se caprichosamente enfeitadas, com folhagens e flôres naturais.

Era grande a concorrência, notando-se entre os presentes muitos professores da Capital e do interior, além de muitos outros amigos do manifestado.

A's 7 1/2 horas da noite, chegou o professor Arnaldo Barreto, que foi recebido com uma estrondosa salva de palmas.

Nessa occasião, o sr. Arthur Breves, presidente da Associação, justificou o motivo da reunião, dando, em seguida, a palavra ao orador official, professor Ramon Roca Dordal, que pronunciou o seguinte discurso:

« Não fôra a mutua sympathia que aqui nos agrupa e eu não ousara certamente occupar um posto que só por excessiva deferencia e extraordinaria bondade vossos amigos podiam confiar-me.

Em nome, pois, de vossos companheiros de jornada, de vossos admiradores, de vossos auxiliares de redacção, eu venho saudar-vos, sincera, franca e effusivamente.

Minha linguagem, affeita de ha muito a essa simplicidade que o

convívio diario das creanças vai em nós enraizando, não possôe certamente a elegancia e a belleza de forma que permittam manifestar meus sentimentos, na finíssima filigrana com que eu quizera emoldurar o quadro, que ao apresentar vossa perfil, destacasse com todo o seu valor, (desculpai si offendo vossa reconhecida modestia), e vulto do companheiro que nós admiramos, do mestre bondoso e acatado, do amigo idolatrado!

Esta singela e fraternal manifestação, homenagem merecida de ha muito por vós, que, infatigavel e resolute, fostes em boa hora convellido a assumir a direcção dos mensageiros da coorte que compõe actualmente o professorado primario paulista, tem para nós uma significação de grande alcance, e promissora de victorias nos pechos, nas luctas pelo futuro.

Atemos componentes deste conjunto, desta sociedade que é chamada a dar à Patria exemplos de devotamento e perseverança, em demanda dos grandes destinos de nossa nacionalidade, os professores primarios, desconhecidos e minusculados embora, são obrigados, sim, o rigoroso dever de patentear que estão scientes de sua responsabilidade, que caminham conscientemente a um fim nobilitante e altruistico.

Eis porque, querido companheiro, aqui estamos, e jubilosos vos saudamos, como uma das nossas glorias, como um dos modulos do professor

primario paulista, illustrado, modesto, resolutivo e dedicado!

Bondoso na cadeira de mestre, activo na pugna pelos creditos e direitos da classe, estudioso e infatigavel na investigação da verdade pelo bem, constituís, por isso mesmo, um exemplo, que, qual joia de inapreciavel valor, nós, aváros e sedentos de thesouros de luz e glorias para a Patria adorada, queremos apresentar aos olhares da sociedade, que ao querer ser culta e grande, ha de estimar a cultura e a grandeza dos seus filhos.

Desculpai-me, a mim, o menos competente, e um dos que mais de perto vos têm acompanhado, si venho, descobrindo a simplicidade em que deslisa vosso labutar pelo pão de cada dia, com a phrase desalinhada, e em cumprimento ao mandato recebido, salientar as brilhantes qualidades que vos tornam a todos caro, a todos nós querido.

E vai nisto uma parcella de vaidade e orgulho de nossa parte.

Orgulho, porque pertenceis á nossa classe; vaidade, por termos a ventura de nos contardes no numero de vossos amigos.

Ao saudar-vos, que direi que não seja a pallida resenha do que está gravado no coração de todos nós, do que é repetido por quantos têm a ventura de conhecer de perto o modesto e dedicado obreiro, consagrado inteiramente á conquista de renome para os olvidados professores primarios paulistas?

Ao entusiastico alvoroço dos grandes homens, que na aurea época do ensino nos incumbiram da nobilitante tarefa de divulgar a boa nova, de patentear as vantagens da moderna escola primaria, responderam também com entusiasmo e alegria os mestres primarios, que, disseminados pelas modestas localidades paulistas, almejavam a chegada do momento propicio para demonstrarem a

grandeza dos concertos emittidos pelos Mestres queridos, o valor pratico das lições recebidas, a inabalavel confiança no futuro, e na gloria que adviria para a Patria com o renascimento da escola publica, pedra unica em que poderia solidamente assentar a construcção gigantesca delineada pelos sonhadores de todos os tempos, pelos visionarios inegualeis, que á conquista gloriosa de nossa emancipação politica quizeram juntar os reflexos incomparaveis de nossa emancipação intellectual.

E, si as commemorações civicas têm, em relação á sociedade, o valor de despertar, pelo exemplo dos actos e virtudes dos grandes vultos da Humanidade, o desejo de cada um tornar-se grande, também nós, ao saudar-vos, hoje que deixaes o logar de redactor-chefe da *Revista de Ensino*, queremos que o exemplo destes dois annos de trabalho agora findo, que estas centenas de paginas, notaveis muitas, pois que muitas vos pertencem, sejam também um exemplo a incitar o professorado primario, pujante de talento e rico de aspirações, a seguir vossa luminosa trilha.

E, nesta saudação que em nome de vossos amigos, de vossos admiradores, de vossos companheiros de redacção, eu vos apresento, somos nós verdadeiramente os distinguidos, somos nós ainda os devedores.

A somma de triumphos, a somma de louvores despertados por tantas paginas brilhantes, são compensação excessiva, e que nos impõem immorredoura gratidão ao vosso esforço, ao vosso merecimento.

Não fôra a *Revista*, não fôra vosso constante trabalho, e o nome da escola paulista teria deixado de ultrapassar os limites do Estado, teria deixado de ecoar além, deixando de levar a pontos distantes da Patria o desejo de imitação da mais grandiosa creação de nossos grandes ho-

mens, de nossos mais entusiasticos instituidores dessas escolas que relembram os nomes de nossos mais queridos e notaveis concidadãos.

Eis porque disse que esta saudação, esta surpresa feita pelos vossos companheiros, era para nós motivo de ainda mais avultar a somma de gratidão de que sois por tantos titulos merecedor.

Pois que, deixar de olhar para os interesses de momento, votar-se resolutamente á consolidação e divulgação das mais nobres conquistas, fazer-se depositario do fogo sagrado, e qual arauto de nobre cruzada, encorajar, disciplinar, não é trabalho que dê glorias immerecidas a quem teve a felicidade de ser vosso companheiro de luctas? vosso companheiro de labores?

Sim, certamente; ser indicado por vós para partilhar das glorias que só deviam ser vossas, ligar nossos nomes ao trabalho grandioso que havia de mostrar á sociedade os thesouros de altruistica dedicacção que no coração dos professores paulistas tinham depositado nossos propectos e illustrados Mestres, que têm sabido instruir e preparar essas turmas de propectos educadores, de distinctos professores, que todos, todos concorrem com seu trabalho diario, com seu esforço constante, a entoar este hymno que eleva a escola publica, a escola primaria, á altura de um templo, onde a hostia zagrada do bem é ministrada quotidianamente na cerimonia augusta de fortalecer e vivificar as novas gerações, que são toda a nossa esperanza, todo o nosso futuro.

Eis, repito, porque ao saudar-vos, ao pedir-vos licença para que vosso retrato fique honrando os pobres muros de nossa tenda, o recinto de nossa util e humanitaria Associação, ainda somos devedores; poderemos assim ter junto a nós, sempre e sempre, um vivo exemplo do conselho que anima, do trabalho infatigavel,

da perseverança inexcedivel, da bondade e lhaneza que todos admiramos!

Dever-vos-emos mais, muito mais; e esta é a divida que nunca poderemos pagar. Vossa constante presença entre nós, vosso retrato em nossa modesta redacção, sendo uma homenagem merecida, será também o exemplo para que os futuros mestres, ao succeder-nos na lucta pelo bem e pela justiça, neste afan de trazer louros e venturas á familia brasileira, entoem um dia o canto glorioso que constituirá a apothéose sublime da Bondade, da Justiça e do Trabalho, aspiração unica do professorado publico paulista, de que sois um ornamento,

Assim, a homenagem aqui prestada fica sendo para nós um penhor de incomparavel merecimento, um talisman que nos ha de tornar invulneraveis, porque invulneravel é a pureza diamantina do vosso coração.

Foi dada depois a palavra ao professor João Lourenço Rodrigues, director da escola complementar de Guaratinguetá.

Sentimos não poder reproduzir, na integra, o seu bello discurso. Vamos, entretanto, dar aos leitores um rapido apanhado dessa oração.

O professor João Lourenço começou dizendo que, como já muita vez affirmára, por maior que fosse a sua admiração pelos grandes estadistas, que trabalharam para elevar a instrucção publica no Estado de S. Paulo; por maior que fosse a sua veneração pela memoria de Cesario Motta e Prudente de Moraes; era sua convicção que tudo quanto temos de bom em nossa organização escolar é devido, na maior parte, á collaboracção intelligente e dedicada do professorado.

E entre todos os que têm trabalhado na causa do ensino publico, destaca-se, com extraordinario relevo, Arnaldo Barreto, pelo seu saber, pelo seu talento, pelo seu amor ao traba-

lho e, sobretudo, pelo entusiasmo á profissão.

Foi trabalhando com dedicação, lutando com fé e com amor, que elle, modesto professor ha alguns annos, foi-se aos poucos elevando, galgando posições, até chegar ao cargo que hoje occupa.

Foi pelo trabalho proprio e com o proprio merecimento que elle conquistou um logar distincto no seio do professorado, que o estima e que o admira.

O orador conheceu-o ha muitos annos, foi seu companheiro de estudos e tem a ventura de dizer que é um de seus velhos amigos.

Nessa convivencia escolar foi que o orador ponde estudar as diversas feições do character de Arnaldo Barreto; a que desde logo descobriu — foi a da modestia sem par.

E' preciso, portanto, que a gente o eleve, porque elle, por si, não quererá elevar-se: preferirá conservar-se em seu retrahimento, gozando apenas da estima de seus amigos, quasi sempre os mesmos, pois Arnaldo é constante em suas amizades. As que trouxe dos bancos escolares são as que ainda hoje conserva.

Entretanto, diz o orador, é preciso que nós o elevemos, que proclamemos o seu real merecimento, tornando-o conhecido como um dos membros mais distinctos do professorado paulista.

E é por isso que applaude com sinceridade e com enthusiasmo a idéa daquelles que promoveram esta manifestação.

Em seguida foi dada a palavra ao professor Ramon Puiggari, que pronunciou um discurso, que damos em resumo.

Justificou sua presença na tribuna, dizendo que assim como usa sempre de uma franqueza para censurar o que de mal encontra, devia tambem manifestar francamente o enthusiasmo

quando este lhe invade o coração.

Descreveu o inverno nas regiões montanhosas da Europa septentrional, e fez notar que, emquanto por toda parte o frio e a neve dão á paisagem um effeito de profunda desolação, dentro das cabanas, ao redor das lareiras, os lavradores, rodeados da familia, não desanimam e ao contrario, quanto maior é a nevada mais renasce nelles a esperança de uma forte colheita.

E a razão deste contraste interessante é que têm elles confiança nas sementeiras que representam o seu trabalho passado, e fé na primavera fecundadora que ha de, forçosamente, fazer germinar a riqueza que jaz enterrada sob o triste lençol de neve.

O professorado, faz notar o orador, está numa situação analogá. Apesar de atravessar uma das épocas mais penosas nestes ultimos annos, tem fé no passado e esperança no futuro, e por isso conserva o mesmo enthusiasmo. Viu no horizonte nuvens negras amontoarem-se prometendo uma tremenda borrasca e não se amedrontou. Algumas brizas benefazejas afastaram em parte a temerosa tempestade, que se transformou num aguaceiro incommodo e impertinente, e, apesar de continuar a soffrer as consequencias, elle se mostra forte e altivo, porque, como disse, tem confiança no passado e fé no futuro, porque já hoje não se discute o principio de que a riqueza publica, como diz um grande economista, não se funda nos recursos naturaes do paiz e sim no trabalho dos seus habitantes. Ora, o trabalho não é outra coisa que a actividade dirigida pela educação do povo, isto é, da escola primaria é que devem todos esperar a grandeza da futura patria.

A Associação do Professorado comprehendeu perfeitamente a situação. Hontem inaugurava o retrato de Cesario Motta, a personificação com-

pleta desse passado de que todos os professores se ufanavam; hoje, desprezando os habitos geralmente seguidos de ir procurar ás alturas do poder os nomes daquelles que se quer glorificar, inaugura o retrato de um modesto companheiro, do qual têm todos a esperar, porque si até hoje fôra o educador distinctissimo, o escriptor correcto, o amigo dedicado, o orientador seguro, delle mais ainda havia a esperar, porque era agora que começava a sua brilhante carreira.

A festa de hontem representou o passado; a de hoje representa o futuro.

Depois do discurso do professor Ramon Roca, foi inaugurado, na sala da *Revista de Ensino*, o retrato de Arnaldo Barreto, que recebeu, então, os cumprimentos das pessoas presentes e agradeceu a manifestação, com palavras repassadas de commoção.

Ao terminar esta noticia, apresentamos nossas saudações ao manifestado, cujo retrato aqui guardamos como uma lembrança do antigo companheiro, que não poupo sacrificios em favor de nossa *Revista*.

Dr. Alberto Salles

Honrando a nossa *Revista*, illustra-lhe a primeira pagina o retrato do venerando paulista, Dr. Alberto Salles.

E' uma pallida homenagem ao merito, é um justo preito de admiração que a *Revista de Ensino* rende á memoria do illustre morto.

Com a devida venia, transcrevemos do *Estado de S. Paulo* a sua biographia:

«O dr. Alberto Salles nasceu em Campinas, no anno de 1857. Foi educado nesta cidade, onde estudou os preparatorios naquelle tempo exigidos para o curso de engenharia.

Aos 15 annos seguiu para os Estados Unidos, e matriculara-se, pouco tempo depois, na Universidade de Troya, que frequentou até o terceiro anno de engenharia. Em 1878 regressou a S. Paulo, e entrou para a Academia de Direito nesse mesmo anno. Formou-se em 1882 e ficou seus companheiros no acto da formatura Assis Brazil e Alcides Lima. São do seu curso Julio de Castilhos, Pereira da Costa, Julio de Mesquita, Carlos Garcia, Pedro Lessa, Brasílio dos Santos e Pereira Guimarães.

Depois de formado, foi adrogar no interior do Estado. Mais tarde, veio para S. Paulo, entrando para a redacção desta folha, então *Provincia de S. Paulo*, na qualidade de redactor e co-proprietario.

Durante os primeiros tres annos da proclamação da republica não exerceu cargo algum publico; em 1892 foi eleito deputado ao Congresso Federal, tendo renunciado ao mandato em meados de 1894, por não se coadunar o seu espirito de republicano intransigente, mas não indifferente, com a orientação politica dominante. Na presidencia do conselheiro Fernando Prestes foi nomeado director da Escola Normal desta capital. A sua passagem por este estabelecimento de ensino não foi demorada; porisso a sua competencia de educador não pôde affirmar-se duma maneira categorica e decisiva.

No entanto os discursos que pronunciou nos actos solennes da escola constituem todo um programma de subido merecimento pedagogico. Organizou um novo plano de estudos, da Escola Normal, e este trabalho, onde mais uma vez tinha posto á prova a pujança do seu talento e a vastidão dos seus conhecimentos, suscitou uma divergencia entre elle e o secretario do interior.

O dr. Alberto Salles exonerou-se então; e dahi até a sua morte, dedicou-se exclusivamente á direcção da

sua propriedade agrícola de Monte Alto.

O seu ultimo trabalho, publicado nesta folha, *Philosophia dos livros de leitura*, é ainda uma valiosa contribuição para solução de um dos problemas mais sérios da vida nacional.

O illustre morto publicou as seguintes obras: *Politica republicana*, *Cathecismo republicano*, *A moderna concepção do direito*, *Sciencia politica*, *Discursos*, *O balanço politico*, afóra numerosos artigos esparsos pela imprensa desta capital e do interior.

Arte de Leitura

OPINIÕES

Illustrado Collega.

Não fosse a amizade que nos vincula desde os saudosos tempos de aprendizagem na Escola Normal, e eu, o ultimo dos vossos collegas, não ousaria acceitar a honrosa incumbencia de dizer algo sobre o vosso recente trabalho didactico.

Acostumado a apreciar, do recesso de minha obscuridade, o brilhantismo com que a maioria dos nossos collegas tem erguido a classe do professorado primario paulista, não é sem grande entusiasmo que admiro as suas constantes produções literarias, que enriquecem diariamente as nossas bibliothecas escolares.

Moços dotados de cultas e primorosas intelligencias, devotados ao sacerdocio do ensino — Feliciano, Prestes, Barreto, Roca, Breves, Bonilha, Castanho, Tanerredo, Bellegarde e toda essa pleiade de abnegados levitas do ensino publico — tem sabido, quer na tribuna, quer na imprensa, cercar de verdadeiro prestigio a classe do professorado paulista, tornando-a um reducto inacessivel aos embates de

preconceitos inveterados em nosso meio por mais de tres seculos.

E', pois, graças a essa benefica cruzada que o professor de hoje não é mais o *mestre escola* de hontem.

Chamado á communhão social pela nobre missão que lhe é dado desempenhar, é elle por seu turno considerado um dos mais poderosos factores do nosso progresso social. E assim dignificou-se o mestre, dignificando-se tambem a escola e portanto o povo, porque: «le peuple qui a les meilleures écoles, est le premier peuple: s'il ne l'est pas aujour d'hui, il le sera demain», já alguém o disse.

Mas na grande obra da reforma de nosso ensino, não vos deve ser negado logar saliente: desde vosso tirocinio na escola revelastes dedicação e zelo á causa a que com muitissimo proveito vos dedicastes. E, ainda hoje abordando a questão mais momentanea do ensino primario — o ensino da leitura — viestes provar a vossa louvavel dedicação pela elevada missão que desempenhaes.

A vossa «Arte de Leitura», baseia-se no systema «João de Deus», como o mais proficuo até hoje conhecido.

A superioridade deste methodo a todos os outros já foi ha muito evidenciada pela guerra sem treguas que lhe moveu a maioria dos professores da Escola Normal de Lisboa — a Luza Athenas — como lhe chamavam então.

Mas, João de Deus, depois de esmagal-os com o inconcusso valor de seu methodo, sentiu-se alentado pelo brilhante resultado, que de sua applicação tinha colhido um modesto professor brasileiro.

Notavel contraste entre os professores normalistas da «Luza Athenas» e um obscuro professor do paiz que, entre as velbarias herdadas de sua metropole, se salienta pela *escola régia*, onde transparecia o phantasma esqualido do mestre, que, de férula em

punho, infligia um verdadeiro *martyrio inquisitorial* a essas innocentes creancinhas, cuja educação lhe era incautamente confiada!

O trabalho, pois, de João de Deus, era de indizível valor. Elle vem transformar nossas *escolas régias* de escuros e humidos carceres em risornhas e alegres officinas do saber. E, João de Deus que, ante a ignorancia e ingratitude de alguns patricios seus, chegou a dizer de Portugal: «a alma de uma nação como a nossa, onde em quatro milhões e meio de habitantes, ha quatro milhões e um quarto de analfabetos, achando-se quasi nas condições do instincto animal, tal nação é necessariamente miseravel, e feliz della si, arredada dos povos cultos, puder ainda conservar as virtudes proprias de suas irmãs barbaras ou patriarchaes», teve o prazer de ver seu methodo acolhido e propagado entusiasticamente no Brazil, por educadores da tempera de Silva Jardim, Gabriel Jardim, Hümmel e muitos outros. E o systema de «João de Deus» — palladio immorredouro das nossas escolas primarias — tem resistido a todas as innovações, a todos os ataques gratuitos, impondo-se a todos os professores capazes de elevar a sua nobilissima profissão á altura de um verdadeiro sacerdocio.

**

Fostes muito feliz na confecção das primeiras lições de vossa «Arte de Leitura». Com tres lições apenas fazeis o alumno ler um grande numero de palavras e até sentenças completas.

Fizestes mais que a maioria dos autores congeneres: comprehendendo, talvez, que os vicios adquiridos em nossa infancia quasi sempre nos acompanham até á velhice, nas primeiras lições iniciastes o alumno no conhecimento da pontuação, habi-

tuando-o, portanto, á leitura expressiva.

Da 5.^a á 13.^a lição tratastes de palavras formadas de vozes e articulações proferiveis *vvc*, *ff* e *jjj*. Esta classificação obedece, naturalmente, á facilidade encontrada pelo professor em explicar ao principiante o valor phonico dessas articulações e á facilidade com que os alumnos as assimilam. Entretanto no 14.^a lição depara-se, á criança a articulação improferivel — t.

Pela natureza desta articulação, eu quizera que, com outras improferiveis, fosse objecto das ultimas lições. Assim habituar-se-ia o alumno á leitura de grande copia de palavras, formadas apenas de vozes e articulações proferiveis.

Noto, entretanto, com grande prazer, que a totalidade das lições da «Arte» faz o alumno, quasi sempre distraído, fixar melhor a attenção na lição e não decoral-a como geralmente acontece.

E, terminando, não posso deixar de salientar mais uma vantagem do vosso methodo: não concordo em absoluto com a maxima pedagogica — o melhor livro é o melhor mestre. Para as creanças, naturalmente despreocupadas, é preciso ter sempre presente as lições atrazadas. Si a nossa memoria muitas vezes nos trai, que dizer das creanças a quem temos de educar todas as faculdades intellectuales? As vossas lições são uma recapitulação constante.

**

São estas as rudes considerações que me suggeriu a leitura de vossa «Arte» e, externando-as, procuro apenas cumprir um dever de amizade.

S. Paulo.

O. CARVALHO.

Revista de Ensino

O acolhimento mais que fidalgo, dispensado pela imprensa nacional á nossa *Revista*, as palmas com que somos em toda parte recebidos, são o nosso maior titulo de gloria. Por taes gentilezas, que sobremaneira nos penhoram, só temos a expressão sincera do nosso reconhecimento.

Disse *O Município*, de Lorena:

«Recebemos o 6.º n. desta excelente *Revista* publicada pela Associação Beneficente do Professorado de S. Paulo e redigida pelo nosso illustrado amigo, sr. professor Arnaldo de Oliveira Barreto, auxiliado por uma pleiade de distinctos educadores como Pinto e Silva, J. Luiz de Brito, Romão Puiggari, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser, E. Mario Arantes, Ramon Rocca, Reis Junior, e outros bellissimos ornamentos da classe do professorado.

Não necessitavamos fazer apreciação alguma sobre o n. da *Revista* que temos em mão, pois elle não desmerece dos anteriores e os nomes de seus redactores e collaboradores nos garantem uma boa literatura e os melhores artigos de interesse geral.

Mas, como somos amigos da Instrução e dos que trabalham em seu favor, gritamos daqui quando apresentaram no Congresso Estadual, um projecto que visava prejudicar os professores, cortando parte de seus vencimentos—lemos com attenção todos os n. que recebemos dessa utilissima publicação e não podemos deixar de apreciar o seu primeiro artigo do presente n. em defesa dessa classe de apóstolos, que está incumbida de expandir as trevas dos espiritos ignorantes.

Faz um confronto dos orçamentos da receita do Estado desde 92 até 93 e mostra claramente que o augmento das subvenções a estabelecimentos de ensino religioso em 93,

quando já a receita mostrava um decrescimo inquietador, taes subvenções foram elevadas a mais de 100 contos, concluindo d'ahi que se tem «augmentado o orçamento com subvenções a estabelecimentos de ensino religioso, que podiam e deviam viver unicamente do favor do publico a cujos interesses e crenças se amoldam e dedicam.»

O seu summario consta de bons artigos de pedagogia, literatura infantil, hymnos escolares e gazetilha.

No movimento da Associação, vê-se o balancete geral do anno de 903, que accusa um saldo de 12:060\$486 em caixa, o que prova ter a Associação progredido de maneira admiravel, graças á sua boa directoria.

Agradecemos penhorados, a remessa do ultimo exemplar da *Revista*, e desejamos-lhe muita felicidade, bem como á classe a que bons serviços tem prestado.»

O Bananal:

«O n. 6 do 2.º anno desta excelente *Revista* da importante Associação do Professorado Publico de São Paulo, que temos sobre a mesa de trabalhos, acha-se repleto de assumptos escolares, tratados com a proficiencia de mestres experimentados.

No seu artigo editorial ainda se occupa a redacção da *Revista* dos vencimentos da classe, transcrevendo um excellento artigo d'*A Platéa*, no qual tratou o escriptor do problema da instrução.

A *Revista* vem prestando inolvidaveis serviços á classe de que é organ, e isso é motivo de jubilo para a sua redacção, a cuja frente se acha o incansavel batalhador, professor Arnaldo de O. Barreto.

Agradecemos.»

A Cidade de São João:

«Recebemos tambem o n. 6, 2.º anno, da *Revista de Ensino*, publicação bi-mestral da Associação Bene-

ficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Debaixo da epigrapha—«Questões geraes»—, publica o memorial do ensino publico de S. Paulo, memorial que se destina a ser distribuido durante a Exposição de S. Luiz, em lingua ingleza. E' um trabalho que honra aos seus illustres auctores—srs. Carlos Reis, Oscar Thompson e Horacio Lane. O assumpto está tratado ahí com methodo e clareza, enriquecido de informações e detalhes sobre o desenvolvimento do ensino publico e profissional no nosso Estado.»

O São João da Bocaina:

«Recebemos a adoravel visita do numero 6 dessa primorosa *Revista*, verdadeiro padrão de gloria do esforçado e galhardo Professorado Publico do nosso prospero Estado.

A *Revista de Ensino* é uma publicação que só por si attesta o alto gráu de cultura do Estado de S. Paulo, que actualmente pode ufanar-se da sua admiravel instrução publica.

O summario do numero que acaba de nos chegar ás mãos, traz entre outros trabalhos de alto merito, uma fina parte de literatura infantil, sobre a qual teriamos prazer de nos externar amplamente, não nos permitindo, porém a rapida leitura que nos foi dado fazer, mas da qual resalta todo o seu valor artistico.

Penhoradissimos, agradecemos a fidalga visita que tanto honra a nossa modesta mesa de trabalho.»

A Gazeta de Capivary:

«O n. 6 da *Revista de Ensino*. E' um numero cheio, excellento, que faz honra ao nosso Estado, tal é a série de bons artigos que contém e que merecem ser lidos com attenção e com verdadeiro prazer.

Aos seus dignos e incansaveis re-

dactores, enviamos pois, as nossas felicitações.»

O Povo, de Caçapava:

«O n. 6 desta util publicação pedagogica é um attestado vivo da competencia do novo professorado, que, não satisfeito com o cumprimento de suas obrigações do magisterio, ainda se entrega á factura de obras que, como a que ora nos occupa, tanto engrandece e dignifica os que a mantêm.

Repleto de artigos em prosa e verso, o actual numero da *Revista de Ensino* merece como os ultimos leitura attenciosa.»

A Folha do Norte, de Pindamonhangaba:

«Recebemos o n. 5 da interessante *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, correspondente ao mez de Dezembro, publicação bi-mestral, manifestamente util e até necessaria, subsidiada pelo governo do Estado, com illustrados e talentosos redactores effectivos, sendo redactor-chefe o sr. Arnaldo de Oliveira Barretto e redactor-secretario o sr. João Pinto e Silva. Traz a *Revista de Ensino* os retratos do coronel Carlos Porto, distincto chefe politico republicano de Jacarehy, e dos drs. Antonio Mercado e Candido Motta, como justa homenagem aos illustres defensores da instrução publica paulista na Camara dos Deputados do Estado.

Como sempre, um numero attractivo e magnifico, de que muito agradecemos a remessa.»

O Tieté:

«Recebemos tambem o n. 6 da importante — *Revista de Ensino* — da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

E' uma publicação utilissima que deveria merecer o maior apoio por parte do povo, e cuja leitura propet-

ciona excellentes informações, principalmente em materia de pedagogia. Não podemos deixar de recomendar-a, não só ao professorado, como também a todos aquelles que se interessam pela educação da mocidade.»

O Jardinopolis:

«O numero 6.º da importante *Revista de Ensino*, editada pelo illustrado Professorado Publico da Capital Paulista.

Esta magnifica publicação, onde se bebe o nectar da literatura e se respira o odor da sciencia, demonstra o grande progresso que tem alcançado e ha de alcançar a instrucção em S. Paulo.

A' *Revista* fazendo sinceros votos pela sua crescente prosperidade, agradecemos sua visita.»

A Gazeta de Leopoldina:

«Temos em mão mais um numero da *Revista de Ensino*, publicada pela Associação Beneficente de S. Paulo.

Está um magnifico numero pois do seu opulento summario constam publicações de incontestavel valor scientifico e literario.

Vai tendo grande acceitação a apreciavel *Revista*, o que é natural, tal o zelo que preside ao seu confeccionamento.»

O Izabelense, do Estado do Rio:

«Temos sobre a nossa modesta mesa mais o numero 6.º desta excellente revista pedagogica que se publica bi-mestralmente na capital de S. Paulo. Como era de esperar, veio magnifica, trazendo um summario, ainda desta vez, variadissimo.

A' utilissima e sympathica collega, agradecemos a amabilidade da visita, que com o maior prazer retribuimos.»

O Municipio, de S. Manoel:

«Recebemos o n. 6 do 2.º anno, da

Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado.

Como sempre, nitidamente impressa, a bella revista vem rica de importantes artigos.

A' illustre redacção os nossos parabens.»

O Mensageiro da Aparecida:

«Recebemos o n. 6 desta interessante e instructiva revista, publicada na Capital do Estado pela Sociedade Beneficente do Professorado Publico.

Como sempre, traz excellentes artigos e criteriosas dissertações referentes á instrucção publica e á educação da mocidade.

Muito bem.»

O Movimento, de S. Manoel:

—«*Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo»—N. 6.

O numero que temos em mão não desmerece dos anteriores, não precisando, portanto, enaltecê-lo seu valor.

Como os outros, traz este numero interessantes artigos e um summario de trabalhos de valor.

Gratos pela remessa.»

O Araraquara:

«Recebemos dois volumes desta importante revista que se publica sob o auspicio da «Associação do Professorado Publico Paulista».

Já temos externado nossa humilde opinião em relação a essa importante publicação que bem bons serviços tem prestado á classe e ao publico.

Gratos pela remessa.»

A Gazeta, de Ribeirão Bonito.

«Temos á vista n. 6 desta excelente revista pedagogica, que valiosos serviços vai prestando á instrucção publica do Estado.

O presente exemplar, como os demais, contem substanciosos artigos sobre questões geraes, pedagogia pra-

tica, literatura infantil, bellas poesias e hymnos escolares.

Gratos pela remessa.»

O Correio Brotense:

«O ultimo numero desta importante e bem redigida *Revista* traz, em traducção, um discurso de Ernesto Lavisie, pronunciado em uma distribuição de premios em Nuvion (França).

Este magistral discurso, proferido em defesa da escola leiga, deve ter causado profunda impressão nas almas juvenis dos ouvintes.

Transcrevemos o trecho seguinte:

«Vossos mestres vos ensinam a moral que a Humanidade acceita e acata, formada, ora com auxilio das religiões, ora contra ellas.

E' a moral dos sabios da antiguidade fecundada pelo espirito fraterno e democratico do Evangelho, pela experiencia progressista das sociedades cultas, pelos sentimentos de solidariedade e de justiça social, hoje confundidos e consagrados em toda a parte.»

A *Revista* ainda traz outros bons artigos e, na secção *Os mestres da literatura infantil*, bonitos poemas traduzidos e originaes.»

A Vida Valenciana, da Bahia:

«Régio presente nos fez a *Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo*, remetendo o numero de sua excellente *Revista*, correspondente ao mez de Dezembro, 2.º anno de publicação.

E' um trabalho notavel, que presta assignalados serviços á causa da instrucção publica do paiz.

Contém cerca de 150 paginas, illustradas por artigos de doutrina vigorosa e sã, formando, além disso, um volume cheio de elegancia, que causa a mais sympathica emoção.

Redigem-na os illustres homens de letras: Arnaldo de Oliveira Barretto, João Pinto e Silva, Joaquim

Luiz de Brito, Romão Puiggari, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo B. dos Reis Junior.

Gratos á fineza com que nos honraram, seja-nos licito pedir que continuem a distinguir nossa obscura tenda de trabalho, porque muito apreciamos a bemvinda *Revista*.

O Sul de S. Paulo, de Faxina:

«Temos em mãos o numero seis da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Revista de elevada arte scientifica, trazendo artigos sobre instrucção publica, firmados por pennas auctorizadas, prosas, versos, musicas etc., fórma o livro um conjuncto de raro aproveitamento—por isso que é digno de occupar um lugar na estante de todos que têm amor á instrucção.

Agradecendo a gentileza da remessa, permutaremos.»

O Palmeirense, de Santa Cruz das Palmeiras:

«Recebemos o numero 6 da importantissima *Revista* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Como sempre, veio contendo em si, trabalhos de mérito — de utilidade publica. A' pagina 621 estampa o edificio do Grupo Escolar da Barra Funda.

A *Revista de Ensino* é sem duvida uma publicação digna de ser lida, pela importancia dos seus artigos, e pela variedade de seu texto amplo e instructivo.»

O Rosariense, do Maranhão:

«Fomos honrado com a visita do numero 5, anno 2.º, desta preciosa *Revista* da Associação do Professorado Publico de S. Paulo, a qual, com o espaçar do tempo, vai mostrando quão criteriosa e intelligente é a di-

recção que lhe imprimem os distinctos e esforçados professores, Arnaldo Barreto e João Pinto Silva, seus redactores em chefe. O seu texto vem composto de bons escriptos referentes á causa da instrucção, e diversos hymnos escolares com as respectivas musicas.

Agradecidos, damos parabens aos redactores da preciosa publicação que no mundo das letras está grangeando logar especial entre aquellas do mesmo genero. »

O Mineirense:

« Temos em mãos um numero da excellente e primorosa *Revista de Ensino*, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

O presente numero, como os demais, está magnifico e muito recommenda a *Revista*, tão proficientemente redigida.

Mil agradecimentos »

O Imparcial, de Sertãozinho:

« Recebemos o n. 6 do segundo anno, dessa importante *Revista* que, sob a direcção do professorado publico de S. Paulo, se publica naquella capital.

O presente numero está esplendido; optimos artigos enchem suas brilhantes columnas. »

O Municipio, de Cananéa:

« Chegou-nos, pela primeira vez, ás mãos, o n. 6. do 2.º anno, da utilissima *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, bimestral, sendo seu redactor chefe o sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, e redactor secretario o sr. João Pinto e Silva, tendo ainda como redactores effectivos os srs. Joaquim Luiz de Brito, Romão Puiggari, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario de Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo B. dos Reis

Junior, todos illustres e distinctos professores, bastante conhecidos pelo seu amôr e dedicação á causa do ensino publico do Estado de S. Paulo.

O volumoso fasciculo que temos á vista, vem repleto de bons artigos sobre pedagogia pratica, literatura infantil, bôas poesias e um esplendido hymno escolar—A mamãezinha, etc.

Pouco competentes para formular um juizo seguro em materia de instrucção publica, no entretanto achamos que esta utilissima *Revista* é uma das mais importantes que no genero se publica no Estado de S. Paulo e quiçá em todo o Brazil.

Ao collega somos infinitamente gratos pela honrosa visita que nos fez, a qual com assiduidade corresponderemos ».

O Trabalho, de Nova Lousã:

« O n. 6 da importante *Revista de Ensino*, organ da « Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo ».

Como sempre, vem esta magnifica publicação repleta de luminosos artigos e soberbas producções em versos ».

A GEOGRAPHIA

NO COMEÇO DO SECULO XV

(TRANSCRIPÇÃO)

Quasi pelo mesmo tempo em que os portuguezes tomavam Ceuta, Jacobo Angelo apresentava ao papa Alexandre V o Ptolomeu traduzido (1416). A sua geographia ou descripção da terra era então corrente, porque a Europa, acordando do extasis secular da idade media, encontrava-se de novo no ponto em que a catastrophe a assaltára.

A Europa e a Africa, desde o Mediterraneo até ao Equador, conheciam a geographia, embora as costas da chamada Ethiopia tivessem deixado de ser visitadas pelos europeos, perdendo-se com os vastos páramos austraes na escuridão de um mar ignoto.

Das tradições anteriores de Erasthenes, mais de tres seculos precedente do alexandrino, constava que o continente ethiope, acabando para o sul, deixava livre a passagem maritima para o Oriente; não se perdera de todo a lembrança da viagem de circumnavegação africana pelos phenicios contractados pelo filho de Psamético no anno de 607 antes de Christo; nem a do cartaginês Hannon até ás alturas do Senegal, trinta annos depois; falava-se mais na viagem do sobrinho de Dario em 480, e na phantastica expedição de Eudoxio de Cyzica pelos fins do segundo seculo. Mas, confundindo assim a extravagancia com a realidade e a fabula com a historia, nessas auroras da geographia moderna, o espirito do tempo vogava incerto oscillando entre a illuminação de uma fé mais aérea do que positiva e as negações terminantes em que a imaginação envolvia tudo quanto era desconhecido.

Assim o geographo alexandrino deixava indeterminado o sul da Africa; as doutrinas climatologicas accitas pela theoria geocentrica affirmavam serem inhabitaveis as regiões austraes, e os arabes diziam acabar a Africa em lodos liquidos, em uma ebullição constante, de onde vinham os nevoeiros escondendo os mares em um manto impenetravel de névas.

Si para o sul era esta a idéa que havia da terra, para leste, porém, sabia-se *grosso modo* como o massiço continental da Asia se alongava até ao Cathay, á Serica e a Cypango, que são a China e o Japão, conhecendo o desenho austral dos

continentes e ilhas nos mares dessa a que genericamente se chamavam Indias. Conheciam-se, já pela geographia ptolomaica, já pela viagem de Marco Polo, cujo livro dado pela senhoria de Veneza ao infante D. Pedro, durante a sua viagem, viera com elle para Portugal.

Imaginava-se pois que, para o Oriente, o mundo acabava com as Indias, e que Cypango formava, nos limites extremos, a fronteira insular ou Antilia; suppondo-se que pelo sul da Africa, perdendo-se em longinquas regiões adustas, cheias de sombras e mysterios, inaccessiveis e inviaveis, estabelecia uma barreira invencivel para o transito maritimo com destino ao thesouro dos arabes, as Indias maravilhosas, *thesauris arabum et divitiis Indar*, que ao mesmo tempo excitavam a curiosidade e a cobiça do seculo XV na Europa, e ao infante D. Henrique, em Portugal, enchiam de ambições immoderadas.

Mais se dizia que todo esse Oriente maravilhoso formava o imperio de um principe christão em guerra constante com os sarracenos; e que portanto havia sobre a terra dois mundos de Christo desconhecidos um do outro. Por tal fórma o proselytismo vinha juntar-se á ambição de imperio, á sede de riqueza e á ancia da curiosidade para determinar a exploração do movimento das descobertas.

Quem primeiro trouxera para a Europa a noticia da existencia do Preste João fôra no seculo XII um bispo da Syria que, em 1145, veio implorar protecção ao papa Eugenio III contra os Arabes. Christão nestoriano, o Preste vencera os Persas e não duvidaria baixar a Jerusalém em auxilio dos christãos contra os infieis. Conservou-se a lenda na tradição sem que, porém, de facto se dissesse mais sinão que o Preste reinava na Ethiopia, conforme apparece localisado no celebre atlas catalão de

mero que foi precursor do dominio castelhano em que vieram a ficar, por não terem vingado as tentativas do infante D. Henrique para se apoderar dellas.

Voltemo-nos agora para os Açores e para a Madeira, ilhas desertas de que os tempos antigos não tiveram noticia. Tinham-se descoberto já, antes que os navegadores portuguezes do seculo XV as occupassem, de um modo permanente? Talvez se tivessem, mas si isso tem valor para a curiosidade scientifica, historicamente não o tem, pois o verdadeiro descobridor é aquelle que, apoderando-se da terra, firma nella um imperio seguro e mantem a posse e o conhecimento do facto.

Todavia não será inutil registrar o que se sabe ou antes se suppõe com referencia ás pristinas descobertas das nossas ilhas adjacentes.

Querem alguns que os navios portuguezes do commando dos Pessanhas que foram ás Canariás, tivessem tambem aportado na Madeira, explicando assim o facto do portulano laurentino de 1351, publicado pelo conde Bandelli Boni, desenhar uma ilha com o nome de «Legname», traducção italiana da palavra «Madeira». Por outro lado, além de ser discutivel linguisticamente este processo de traducção onomastica, ha uma identificação verosimil entre a palavra «legname» e a de el-aghnam, com que na lenda se denomina uma das ilhas dos almogarriruns do Edrisi.

O facto é que tanto no portulano laurentino de 1351, como no atlas catalão de 1375, como finalmente, ao que se diz, no mappa que em 1428

o infante D. Pedro trouxe de Veneza, figura um grupo de ilhas atlanticas, contradizendo a affirmativa terminante da rubrica de Sanuto: o mar é deserto para além de Gades. Mas contra a allegação de que os Portuguezes fossem em demanda dessas ilhas, conhecedores já da sua existencia, levanta-se o texto da chronica ao contar-nos como a descoberta do Porto Santo foi um fructo do acaso que deitou sobre essa praia os mercantes partidos á descoberta na costa africana.

Tal era, pois, o estado dos conhecimentos no momento em que o infante D. Henrique entrou gloriosamente na scena do mundo. Para oeste, um mar mysteriosamente povoado de lendas aereas, plainos indefinidos em que a imaginação, perdendo-se, não aguçava as ambições. Embora os calculos puzessem a contracosta da Asia metade mais cerca do que de facto a America nos fica: apesar disso, a vastidão era tão grande que ninguem sonhava sequer em a transpôr. Para o sul um medo, um susto, o terror medonho de um mar abrazado em fogo, e envolvido em trevas. E para o oriente, finalmente, as terras douradas da India sobre que imperava soberano um principe christão.

Romper as trevas, vencer as chamas do sul, passando o mar da Africa, eis ahí a ambição de D. Henrique, embriagado pela conquista de Ceuta e crente nas tradições que lhe affirmavam ter a Africa uma fórma penninsular.

OLIVEIRA MARTINS.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

PRIMEIRA PARTE

A séde da ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PUBLICO DO ESTADO é á rua de Santa Thereza, numero 28.

Funciona diariamente, á excepção dos domingos, das 6 horas da tarde ás 9 da noite.

A correspondencia deve ser endereçada para a CAIXA POSTAL numero 183.

O procurador da Associação é o sr. José Theodoro Xavier Sobrinho.

Os associados quites, relativamente ás suas mensalidades, têm direito, de conformidade com o artigo 12, § 2.º, de utilizar-se dos serviços do procurador, independente de qualquer remuneração pecuniaria, para recebimento de seus vencimentos e mais negocios relativos ao cargo.

Mas os interessados deverão dirigir-se directamente ao primeiro secretario e nunca ao procurador. Assim o exige a regularidade do serviço e a responsabilidade effectiva da Directoria.

Na SEGUNDA PARTE do MOVIMENTO ASSOCIATIVO estão as demais informações, para as quaes chamamos a attenção dos nossos consocios.

O quadro das mordomas, para o corrente anno, é o seguinte:

Janeiro—D. Catharina C. de Moura.
Fevereiro—D. Eulalia Ortiz da Silva.

Março—D. Delphina Lemos.
Abril—D. Maria Minervina Payão.
Maio—D. Carolina Corrêa Galvão.
Junho—D. Elisa Rachel de Macedo.
Julho—D. Georgina C. da Silva.
Agosto—D. Antonia de Almeida.
Setembro—D. Leonor de Campos.
Outubro—D. Izabel E. Victoria.
Novembro—D. Alzira de A. Pontes.
Dezembro—Anna C. A. Freitas.
Residencia das mordomas do segundo trimestre:

Abril—D. Maria Minervina Payão, rua Florencio de Abreu, 62.
Maio—D. Carolina Corrêa Galvão, rua dos Gusmões, 79.
Junho—D. Elisa Rachel de Macedo, rua Jesuino Paschoal, 23.

A Directoria, eleita a 17 de Janeiro, empossada a 24 do mesmo mez, e que tem de servir durante o corrente anno, é a seguinte:

Arthur Breves—*Presidente*.
René Barreto—*Vice-presidente*.
Luiz Cardoso Franco—*Thesoureiro*.
Gabriel Ortiz—*Primeiro secretario*.
Carlos da Silva Bellegarde—*Segundo secretario*.
João F. Pinto e Silva }
Arnaldo Barreto. }
Antonio Peixoto } *Conselho-fiscal*.
Antonio R. A. Pereira }

O segundo secretario eleito foi o sr. professor Domingos Angelo Loreto, que resignou o cargo e foi, por isso, substituido pelo seu immediato em votos, professor Carlos da Silva Bellegarde, nos termos do artigo 64 dos Estatutos.

O sr. professor Arthur Breves, presidente da Associação, reside á Alameda dos Andradas n. 13.

O sr. thesoureiro, professor Luiz Cardoso Franco, á rua Alegre da Luz, n. 9.

O primeiro secretario, professor sr. Gabriel Ortiz, á rua de Santo Antonio, n. 86.

Estes funcionarios são encontrados diariamente, na séde social, das 6 ás 9 horas da noite, bem como o respectivo procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho.

Nos termos do artigo 79 dos Estatutos, a *Revista de Ensino* é publicada sob a responsabilidade da Directoria, sendo, porém, o presidente da Associação seu editor responsável.

Em sessão da Directoria, realizada a 1.º de Fevereiro findo, foi eleito *Redactor-secretario*, daquelle organ social, o sr. professor João Francisco Pinto e Silva.

Ao *Redactor-secretario*, portanto, deve ser endereçada toda a correspondencia relativa á *Revista*, inclusive os pedidos de assignatura.

A Associação não possui mais *Caixa de Empréstimos*. Esta, não tendo dado os resultados que as directorias anteriores tinham em vista, foi fechada pela *Assembléa Geral*, em sua sessão de 31 de Janeiro findo.

A directoria está liquidando-a. As reformas das letras só serão acceitas mediante amortizações e a curto prazo.

A *Assembléa Geral*, tendo sempre em vista os fins humanitarios da Associação e os interesses economicos e sociaes, abriu, ainda na mesma sessão de 31 de Janeiro findo, uma *Caixa de Auxilio Condicional*.

Esta caixa fornece, independente de juros, dinheiro aos associados:

1) que tenham direito a auxilio gratuito, nos termos destes Estatutos, e delles não se queiram servir;

2) que se removerem de localidade;

3) que entrarem para o magisterio e que, por isso, precisem de auxilio pecuniario para sua primeira collocação;

4) aos que não estando nos casos acima, estejam em *condições especia- lissimas*, a juizo da Directoria.

Fóra destas condições, nenhuma quantia, por menor que seja, sahirá da caixa social a titulo de emprestimo.

Não nos parecem descabidas algumas considerações a este respeito.

Quando a primeira ASSEMBLÉA GERAL—a da fundação desta ASSOCIAÇÃO—realizada a 27 de Janeiro de 1901, resolveu incluir em seus Estatutos a clausula de empréstimos de dinheiro a juro de 1 % ao mez, a seus associados, teve em vista arrancar-os da mão da agiotagem sem coração, que lhes dava dinheiro até a 20 % ao mez, e ao mesmo tempo não prejudicar a ASSOCIAÇÃO em seus interesses, cobrando o modesto juro de 1 % mensalmente.

Fatal illusão! O salutar direito de empréstimos para ocorrer ás necessidades inadiaveis transformou-se em abusos: fechou-se, por isso, a caixa, não sem tempo!...

Mas porque nem todos comprehendem os fins humanitarios da caixa, segue-se que deverão ser prejudicados aquelles que mantiverem sempre uma conducta pautada pela maxima lisura, e os que, para o futuro se acharem nas mesmas condições? Certamente que não. Dahi a CAIXA DE AUXILIO CONDICIONAL, de dinheiro sem juros, áquelles que se achem nas condições estipuladas.

Não ha usura e agora, principalmente, nem o despeito, nem a má fé poderá lançar-nos o epitheto de ingratição.

Poderão ainda interrogar-nos: «Si o associado tem direito a auxilio gratuito, porque dar-lhe dinheiro com a obrigação de restituil-o á caixa?» E' porque repugna a alguns receber-o gratuitamente, ou ainda porque, tendo em vista os fins da ASSOCIAÇÃO, querem, abnegadamente, prestar-lhe mais esse importante serviço. Dahi o gráu de prosperidade a que, apesar dos descrentes, tem attingido esta aggremação.

Mas fique aqui consignado: a Directoria não obriga ninguem ao auxilio condicional nos termos de nossos Estatutos; os dá gratuitamente aos que o pedem.

Consequencia: fugirão os amigos interesseiros, deixando-nos o campo livre de obices; approximar-se-ão os que vêm no esforço da ASSOCIAÇÃO a salvação de nossa classe, tão opprimida, tão vilipendiada, nesta época tremenda de provações.

A Directoria resolveu, em sua primeira sessão ordinaria deste anno, dar estricta execução ao artigo 10 dos Estatutos, isto é, que as readmissões só sejam acceitas depois de verificados, cuidadosamente, os precedentes dos propostos, no tempo em que fizeram parte do quadro social.

E mais: que no caso de readmissão deverão os propostos pagar, previamente, seus debitos provenientes do tempo que foram associados, até o mez da eliminação.

Tambem ficou estabelecido que, para o associado acceito ser inscripto no quadro social, deverá, dentro de 30 dias, pagar adeantadamente uma das tres prestações seguintes, á sua escolha:

1) 5\$ de joia, 3\$ de diploma e 3\$ da mensalidade;

2) 10\$ de joia, 2\$ de diploma e 3\$ de mensalidade;

3) 15\$ de joia, 3\$ de diploma e

3\$ de mensalidade, isto é, 11\$, 16\$ ou 28\$.

Findos os 30 dias, a admissão ficará nulla, caso não seja feita uma das tres entradas acima.

O termo FAMILIA, empregado nestes Estatutos, entende-se, para os fins sociaes, segundo deliberação da Directoria, em sessão ordinaria de 5 de Março findo:

Os que vivem sob o mesmo tecto e sob a responsabilidade do mesmo chefe, inclusive pae e mãe, vivem embora estes sob tecto differente.

Pelo artigo 34 de nossos estatutos, deverá a Associação manter na Capital um posto medico, que funcionará em dias e horas determinados.

A execução desta disposição, na actualidade, é inoportuna, porque não se prestando a séde social para nella funcionar o referido posto, ha, por isso, necessidade de ser alugada uma sala, despesa que seria onerada com os honorarios de um medico, por conta dos cofres sociaes.

Demais, possuindo a ASSOCIAÇÃO medicos gratuitos, como abaixo se vê, e que dão consultas em horas determinadas, não ha, segundo parece, pelo menos na actualidade, necessidade de sobrecarregar os cofres sociaes com uma despesa inutil, salvo como um requisito de ostentação, incompativel com a modestia da classe.

SÃO MEDICOS DA ASSOCIAÇÃO:

1) DR. CARLOS MEYER. E' encontrado em sua residencia, á rua Marquez de Ytu, numero 57, até ás 9 horas da manhã. Da consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias, na capital, pelo preço de 3\$000. Tambem se promptifica a fazer, gratuitamente, analyses em escairos, ca-

tarrhos e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2) DR. ARISTIDES DE CAMPOS SEABRA. Dá consultas nas mesmas condições do dr. Carlos Meyer. Residência: Rua Barão de Itapetinga, n. 71; consultorio, Rua de S. Bento.

3) DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO. Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia, Rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

4) DR. ROBERTO GOMES CALDAS. Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio: Rua de S. Bento, n. 38; residencia, Rua Major Quedinho, n. 5.

ESPECIALIDADE: molestias de creanças.

5) DR. FABRICIO VAMPRE. Dá consultas gratuitas aos associados e suas familias. Residencia: Rua da Consolação, n. 53; consultorio, Rua do Tesouro, n. 13.

Fornecem MEDICAMENTOS aos associados, com o abatimento de 20%:

1) *Pharmacia de Santa Thereza*, de Ignacio Puiggari, á rua de Santa Thereza, n. 9;

2) *Pharmacia e Drogeria* de João dos Santos & Comp., á rua de São Bento, n. 66.

3) *Pharmacia Assis*, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 1.

DENTISTAS. Prestam seus serviços aos associados:

1) O *cirurgião dentista*, sr. JAYME TEIXEIRA. Faz seus serviços por preços modicos, facultando o pagamento em prestações. Rua General Jardim, 63

2) Os *cirurgiões dentistas*, srs. ITALO PINARDI e ANTONIO CARDOSO. Seus serviços são feitos com redução de 20%.

3) O *cirurgião dentista*, sr. EMYDIO CORDEIRO DE SALLES. Seus trabalhos são feitos com um abatimento

de 50% aos associados e suas familias. Os trabalhos relativos ao tratamento de molestias bocaes, extração e limpeza dos dentes são gratuitos.

Seria muito conveniente que os srs. associados tratassem, préviamente, os serviços relativos á arte dentaria, para serem evitadas as reclamações, que porventura se possam dar.

Quanto aos terrenos do Ypiranga, os srs. associados interessados poderão entender-se a respeito com o thesoureiro da ASSOCIAÇÃO, na séde social, sr. professor Luiz Cardoso Franco.

SEGUNDA PARTE

Para conhecimento dos interessados, publicamos abaixo, em sua integra, a lei n. 495.

Chamamos, porém, a attenção dos srs. professores, para o art. 1.º, § unico; art. 4.º; art. 12, §§ 1.º e 2.º; art. 19, letras A, B e C.

Quando os srs. professores licenciados desejarem que as respectivas portarias sejam retiradas da Secretaria do Interior, pelo procurador, deverão enviar, juntamente com a quantia relativa á importancia do sello, mais 1\$ para a despesa postal.

Assim, o professor intermedio enviará:

a) para uma licença de 3 mezes em escola isolada—5\$100 de sello e 1\$ para correio, ou 6\$100;

b) o mesmo professor, para uma licença de 6 mezes—6\$800 de sello e 1\$ para correio, ou 7\$800;

c) o mesmo professor, para uma licença de mais de 6 mezes—10\$200 e 1\$ para correio, ou 11\$200;

d) o mesmo professor em grupo—7\$400, si a licença fôr de 3 mezes; 7\$500 até 6, e 10\$ si de mais de 6.

e) o professor normalista ou complementarista, em escola isolada, re-

metterá 8\$700, ou 11\$200 ou ainda 16\$300, para a licença respectivamente até 3 mezes, 6 ou mais de 6.

O mesmo professor, em Grupo, mandará 10\$, ou 12\$900, ou ainda 19\$900. E assim por deante.

Com mais vagar, organizaremos uma tabella completa, que será publicada no proximo numero da *Revista*, nesta mesma secção.

Para serem retiradas da secretaria, as portarias de licença, não é preciso procuração.

LEI N. 495

DE 30 DE ABRIL DE 1897

Regula a concessão de licença aos funcionarios publicos

O doutor Manoel Ferraz de Campos Salles, presidente do Estado de S. Paulo.

Faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Art. 1.º Nenhum funcionario ou empregado publico poderá deixar o exercicio do cargo, sem prévia licença da auctoridade competente, salvo com parte de doente.

§ unico. Neste caso, o pedido de licença será feito dentro de tres dias improrogaveis.

Artigo 2.º São competentes para conceder licenças:

a) os secretarios de Estado, até seis mezes.

b) o presidente do Estado, até doze mezes.

Artigo 3.º Nenhuma licença será concedida ao funcionario ou empregado, sinão por molestia que o impossibilite do exercicio do cargo, ou por qualquer outro motivo attendivel, a juizo do governo.

Artigo 4.º A enfermidade deverá ser provada sempre, com attestado

medico, podendo ainda o governo do Estado exigir que o funcionario ou empregado se submeta a inspecção de saude, perante uma junta, composta de dois facultativos da directoria do serviço sanitario, nomeados pelo secretario do Interior, mediante requisição daquelle a quem estiver sujeito.

Artigo 5.º O funcionario ou empregado, ficará obrigado ao pagamento de dez mil réis a cada um dos facultativos, que formarem a junta de inspecção de saude, quando o parecer desta fôr desfavoravel.

§ unico. Quando a junta medica tiver de reunir-se em casa do empregado ou funcionario, a retribuição será paga pelo dobro, com a restricção do artigo anterior.

Artigo 6.º Aos que estiverem com exercicio no interior do Estado, e cuja enfermidade não permita o seu transporte até á capital, será dispensada a formalidade do artigo 4.º, bastando attestado de um medico da localidade, ou daquelle que estiver tratando do doente.

§ unico. O mesmo se observará na hypothese de prorogação de licença, quando a vinda do funcionario ou empregado á capital igualmente se torne impossivel pelo motivo indicado.

Artigo 7.º Nos casos do artigo antecedente, a dificuldade de transporte para a capital deverá ser plenamente provada ao governo do Estado.

Artigo 8.º Toda a licença entende-se concedida com a clausula de poder o funcionario gozar-a onde lhe aprouver.

Artigo 9.º As licenças serão concedidas com os seguintes descontos:

§ 1.º Por motivo de molestia de funcionario ou empregado:

a) de toda a gratificação, até tres mezes;

b) da gratificação e quarta parte do ordenado, de tres a seis mezes;

c) da gratificação e metade do ordenado, de seis a nove mezes;

d) da gratificação e tres quartos do ordenado, de nove a doze mezes.

§ 2.º Por outro motivo:

a) da gratificação e a quarta parte do ordenado, até tres mezes;

b) da gratificação e metade do ordenado, de tres a seis mezes;

c) de todos os vencimentos, de seis a doze mezes.

§ 3.º Quando a licença fôr concedida ao funcionario ou empregado para tratar de negocios de seu interesse, não perceberá elle vencimento algum, seja qual fôr o tempo da mesma.

Artigo 10. O disposto no artigo antecedente, terá applicação ao empregado que perceber simplesmente gratificação, considerando-se como ordenado duas terças partes dos seus vencimentos.

Artigo 11. Os descontos serão feitos gradualmente, de modo que, nos primeiros tres mezes, embora a licença seja por mais tempo, apenas se deduzirá a gratificação ou gratificação e parte do ordenado, conforme as hypotheses do artigo 9.º, e assim por deante.

Artigo 12. Nenhum funcionario ou empregado, sob pena de multa de cinquenta a duzentos mil réis, entrará no gozo de licença, sem pagar os emolumentos devidos a Thesouro do Estado, sem registrar a portaria de licença na repartição respectiva e sem submettel-a ao visto da auctoridade competente.

§ 1.º A mesma pena será imposta áquelle que, dentro de oito dias depois de entrar no gozo de licença, não fizer as necessarias communicções á secretaria respectiva e á repartição em que deve existir assentamento sobre o seu exercicio.

§ 2.º Ficará sem qualquer licença concedida o funcionario ou empregado publico, quando no praso de 15 dias, a contar da data da publi-

cação no *Diario Official*, do acto da respectiva concessão, não tenha elle entrado no gozo da mesma.

Artigo 13. O tempo das licenças em prorogação ou de novo concedidas, dentro de um anno, será addicionado ao das antecedentes, para o fim de fazer-se o desconto de que tratam es artigos 9.º e 11, e para calcular-se o pagamento do sello devido, na fórmula dos artigos 19 e 20.

Artigo 14. Não tem direito a vencimento algum o funcionario ou empregado que estiver fóra do exercicio do seu cargo, por mais de quinze dias, com parte de doente.

Artigo 15. Os quinze dias de que trata o artigo anterior, devem ser completados para a contagem do tempo a que se refere o artigo 2.º e para o calculo de que trata o artigo 9.º

Artigo 16. Ainda quando apresente parte de doente, não terá direito a vencimento algum o funcionario ou empregado que, depois de findo o praso de uma licença, com ordenado ou sem elle, continuar fóra do exercicio do seu cargo, sem que haja obtido nova licença.

Artigo 17. O funcionario ou empregado removido, quando se achar em gozo de licença, perderá o direito ao resto da licença, desde a data da publicação do acto de remoção ou permuta.

Artigo 18. Aquelle que houver gozado o maximo da licença, só poderá obter outra, com ordenado ou sem elle, depois de decerrido um anno contado do termo da ultima.

Artigo 19. As portarias de licença pagarão de sello:

A) 3 % dos vencimentos de um mez, sendo a licença até tres mezes;

B) 4 % , sendo a licença até seis mezes;

C) 6 % , sendo a licença além de seis mezes.

Artigo 20. As portarias de licença aos funcionarios não estipendia-

dos pelos cofres do Estado, pagarão de sello:

a) 10\$000, até dois mezes;

b) 20\$000, até quatro mezes;

c) 40\$000, até seis mezes;

d) 80\$000, além de seis mezes.

Artigo 21. O funcionario ou empregado que entrou no gozo de licença, póde renuncial-a em qualquer tempo.

Artigo 22. A presente lei não comprehende as licenças aos officiaes e ás praças da força publica, a respeito das quaes, porém, se observarão sempre, quanto possivel, as disposições nella contidas.

Artigo 23. Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim a faça executar.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos trinta de Abril de mil oitocentos e noventa e sete.

M. FERRAZ DE CAMPOS SALLES.
A. DINO BUENO.

Publicada na secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 30 de Abril de 1898.—Servindo de director, *Tiburtino Mondim Pestana*.

Os nossos ESTATUTOS sociaes, votados em sessão de *Assembléa Geral*, de 25, 26 e 31 de Janeiro findo, já foram distribuidos a todos os srs. associados.

Todavia, no proximo numero da *Revista*, serão publicados em sua integra.

Os novos associados poderão obter, querendo, com um abatimento de 50 % , os numeros da *Revista de Ensino*, já publicados, de conformidade com a deliberação tomada pela Directoria, em sua sessão de 5 de Março.

TERCEIRA PARTE

Em obediencia ao que dispunham os estatutos de 27 de Janeiro de 1901, a directoria transacta convocou a ASSEMBLÉA GERAL para o dia 10 de Janeiro.

Como, porém, não houvesse numero legal, o presidente da então, o sr. professor Fernando Martins Bonilha Junior, fez nova convocação para o dia 17 do mesmo mez, devendo installar-se a ASSEMBLÉA, com o numero que comparecesse.

De facto, nos termos do artigo 57 dos Estatutos, então em vigor—foi a ASSEMBLÉA installada, ás 11 horas do dia, com a presença de cinquenta associados.

A ordem do dia era a eleição da nova directoria, a do conselho fiscal e a das mordomas que administrariam a ASSOCIAÇÃO no corrente anno.

Procedida a eleição, deu ella o seguinte resultado:

PARA PRESIDENTE

Arthur Breves	26 votos
Fernando M. Bonilha J.º	23 >
Dr. Joaquim Sant'Anna	10 >
Dr. Oscar Thompson	1 >

PARA VICE-PRESIDENTE

René Barreto	48 votos
Domingos de Paula e Silva	6 >
Frontino F. Guimarães	3 >
Alfredo Bresser da Silveira	2 >
Gabriel Ortiz	1 >

PARA TRESOUREIRO

Luiz Cardoso Franco	47 votos
Joaquim Luiz de Brito	6 >
Ramon Roca Dordal	7 >

PARA PRIMEIRO SECRETARIO

Gabriel Ortiz	54 votos
Antonio Peixoto	4 >
Benedicto Galvão	1 >
Ramon Roca Dordal	1 >

PARA SEGUNDO SECRETARIO

Domingos Angelo Loreto .	20 votos
Carlos da Silva Bellegarde	19 >
Annibal Francisco Caldas.	15 >
Nilo Costa	5 >
Antonio M. de Carvalho .	1 >

PARA CONSELHO-FISCAL

João F. Pinto e Silva .	50 votos
Arnaldo de Oliveira Barreto	44 >
Antonio Peixoto	39 >
Antonio R. Alves Pereira.	27 >
Alfredo Bresser da Siveira.	18 >
Lindolpho F. de Paula .	17 >
Domingos de Paula e Silva	15 >
Luiz Cardoso Franco . .	5 >
Justiniano Vianna	2 >
Ramon Roca Dordal . . .	2 >
René Barreto	1 >
Joaquim Luiz de Brito .	1 >
Arthur Breves	1 >
Antonio Penna	1 >
Francisco F. M. Vianna .	1 >
Leonidas de Toledo Ramos.	1 >
Romão Puiggari	1 >
Emilio Mario de Arantes .	1 >

Por proposta do sr. inspector Antonio Rodrigues Alves Pereira, foram acclamadas as mesmas mordomas do anno anterior, pelo que ficou assim constituida a nova administração de 1904 :

DIRECTORIA

Arthur Breves—*Presidente.*
René de Oliveira Barreto—*Vice-presidente.*
Luiz Cardoso Franco—*Thesoureiro.*
Gabriel Ortiz—*Primeiro secretario.*
Domingos Angelo Loreto—*Segundo secretario.*

CONSELHO FISCAL

João Francisco Pinto e Silva.
Arnaldo de Oliveira Barreto.
Antonio Peixoto.
Antonio Rodrigues Alves Pereira.

MORDOMAS

D. Isabel Esteves Victoria.
D. Eulalia Ortiz da Silva.
D. Maria Minervina Payão.
D. Carolina Corrêa Galvão.
D. Elisa Rachel de Macedo.
D. Georgina Carolina da Silva.
D. Delphina Lemos.
D. Antonina de Almeida.
D. Leonor Campos.
D. Alzira de Andrade Pontes.
D. Anna Carolina de Almeida Freitas
D. Catharina Ceslau de Moura.

A's 5 horas da tarde foi encerrada esta primeira sessão e marcada a segunda para o dia 24 de Janeiro, domingo, em que seria observada a seguinte ordem do dia :

- I — Discussão e approvação dos novos Estatutos.
- II — Discussão de assumptos de interesse social.
- III—Posse da directoria eleita.

No dia 24, ás 11 horas, foi instalada a 2.^a sessão, com a presença de 39 socios.

Após á leitura e á approvação da acta, o sr. professor Arthur Breves, presidente eleito, requereu a inversão da ordem do dia, para sujeitar á approvação da *Assembléa* seu programma administrativo. Approvado o requerimento e sujeito, portanto, á approvação da casa o referido programma, ficou este assim constituido :

Art. 1.^o—Emanipar o professor da tutela das outras classes.

Art. 2.^o—Trabalhar para que os professores occupem os cargos que, actualmente, parecem ser um privilegio das classes que seguem as outras profissões liberaes.

Art. 3.^o—Entregar, desde já, o ensino preliminar ás professoras, ficando aos professores o ensino das materias que constituem a instrucção popular. Por ensino popular, entende-se o es-

tudo das seguintes materias: lingua nacional, theoria geral da mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, e, pelo menos, historia universal, historia do Brazil, instrucção civica e economia politica.

Art. 4.^o—Obter uma lei que estabeleça um programma para todas as escolas normaes do Brazil, tornando validos, em qualquer Estado, os diplomas dos professores.

Art. 5.^o—Cooperar para que o ensino professional, salvo o caso de haver falta de profissionais, não fique sob a tutela do Estado.

Art. 6.^o—Promover a elevação do ensino particular.

Art. 7.^o—Equiparar os professores complementaristas aos normalistas, e converter as escolas complementares em escolas normaes.

Art. 8.^o—Só as escolas normaes poderão formar professores.

Art. 9.^o—Conseguir que os professores publicos, sem distincção de categoria, tenham eguaes direitos.

Art. 10. Promover o desenvolvimento da parte beneficente da ASSOCIAÇÃO DO PROFESSORADO.

Art. 11. Fazer do magisterio uma carreira, de sorte que, á medida que o professor preste serviços ao Estado, obtenha acesso e melhoria de vencimentos.

Art. 12. Organizar cooperativas de producção e consumo, ou quaesquer sociedades que tenham por fim melhorar, sob o ponto de vista economico, as condições de existencia do professorado.

Art. 13. Não apoiar nenhum governo que, para manter-se, seja obrigado a supprimir as liberdades individuaes.

Art. 14. Fazer da politica um meio de pôr em pratica estas medidas, sem procurar cohibir a liberdade de ser o professor opposicionista ou governista, salvo o caso de se tratar dos interesses da classe ou dos da instrucção popular.

Em seguida o sr. professor Arnaldo de Oliveira Barreto requereu nova inversão da ordem do dia, para ser empossada a nova directoria. Antes, porém, o sr. professor Fernando Martins Bonilha Junior ler o relatório de sua administração, cujo conteúdo os nossos consocios conhecem, pois foi publicado no numero anterior da *Revista de Ensino*.

Seguiu-se a posse, proferindo o sr. professor Arthur Breves uma allocução, ao assumir a presidencia, em que prometteu tudo fazer pela prosperidade social e da classe, agradecendo tambem a confiança que lhe depositavam os associados, collocando-o no cargo de presidente da agremiação dos professores.

A's 6 horas foi encerrada a sessão e marcada a terceira para o dia 25.

Neste dia, ás 11 horas foi aberta a sessão, lida e approvada a acta da do dia 25.

A ordem do dia era a discussão do projecto de reforma dos Ex. artros, organizados pelos membros da primeira commissão, e segunda de revisão, segundo os poderes que lhes foram conferidos pela *Assembléa Geral* de 1903.

A discussão esteve muito animada e, depois de acceitas e votadas muitas emendas, foi a sessão encerrada ás 5 horas da tarde.

No dia seguinte, 26, ás 4 horas da tarde, foi aberta a quarta sessão, que tambem foi toda occupada na discussão e votação do projecto de reforma dos referidos Estatutos. A's 9 horas da noite, terminada a votação do restante da materia do projecto e das emendas, ficou marcada nova sessão para o dia 31, em que o primeiro secretario deveria apresentar, redigida, a materia votada, para definitiva approvação.

De facto, no dia 31, ás 11 horas da manhã, foi aberta a 6.^a e ultima sessão da referida *Assembléa Geral*, em que foram votadas, definitivamente,

mente, os novos Estatutos, de conformidade com a redacção apresentada pelo primeiro secretario, entrando em seguida, em vigor, por proposta do sr. inspector Lindolpho Francisco de Paula.

Já foram aquelles Estatutos publicados em avulsos e distribuidos aos associados; no proximo numero desta *Revista* deverão ser publicados novamente.

Duas propostas foram ainda apresentadas nesta sessão: uma auctorizando a Directoria a intervir, perante os poderes competentes, relativamente ao desconto de 15 % que soffre o professorado em seus vencimentos, e outra no sentido de representar-se ao Governo para que seja, periodicamente, publicada a lista das cadeiras vagas e em condições de provimento.

—Não foi considerado opportuno o momento para desenvolver estes dois assumptos; mas os srs. associados terão informações completas, a respeito, no proximo numero da *Revista*.

Quanto ás informações relativas ás medidas administrativas tomadas pela Directoria em suas sessões, ficarão para o movimento do segundo trimestre.

No logar competente, vão as informações completas sobre a conferencia realizada pelo nosso presidente no dia 29 de Fevereiro findo.

Para o assumpto, chamamos a attenção dos amigos da classe, bem como aos nossos collegas.

O 1.º Secretario,

GABRIEL ORTIZ.

NOTICIARIO

«A Escola»

Subordinada áquella epigraphe e sob a direcção do distincto educador Benedicto Maria Tolosa, acaba de apparecer, em S. Manoel do Paraizo, mais uma publicação destinada á nossa infancia.

Diversos numeros já nos têm chegado ás mãos, qual delles mais interessante, mais enriquecido de leituras uteis e de grande alcance educativo para as creanças.

A' nova collega auguramos longa existencia, para bem da mocidade que frequenta as nossas escolas primarias.

Conferencias

A Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo, dando cumprimento ao seu vasto programma, no sentido do desenvolvimento do ensino, iniciou no dia 24 de Fevereiro p. passado, a série de conferencias que pretende realizar sobre diversos assumptos referentes á instrucção publica paulista.

Coube ao presidente da Associação, professor Arthur Breves, realizar a primeira conferencia, de cuja tarefa se desempenhou brilhantemente, como se vê do seu trabalho publicado nas primeiras paginas da nossa «*Revista*».

Transcripções

Aos jornaes «O Tempo», de Faxina, o «Luizense», de São Luiz do Parahytinga, «O Imparcial», de Ser-

tãozinho e «O Palmeirense», de Santa Cruz das Palmeiras, confessamo-nos agradecidos pelas transcripções que fizeram de diversos trabalhos publicados na nossa «*Revista*».

Foram transcriptos os seguintes trabalhos: *O ninho de andorinhas*, de Francisco Vianna; *A bandeira federal brasileira*, de Augusto de Carvalho; *Dó infantil*, de Francisco Vianna, e *O concerto dos animaes*, de R. Puiggari.

«A Voz Maternal»

Temos sobre a mesa mais essa excellente publicação—orgam da Associação Beneficente e Instructiva de São Paulo, que tão bons serviços está prestando á educação da infancia.

E' um novo combatente, que entra para as fileiras daquelles que pugnam pela instrucção popular.

Agradecidos, permutaremos.

Relatorio

Recebemos o Relatorio apresentado, este anno, ao Sr. Dr. Secretario do Interior, pelo Dr. Mario Bulcão, inspector de ensino.

Gratos.

«Revista»

Do Instituto Historico e Geographico de São Paulo recebemos o volume oitavo da *Revista* que aquella util instituição costuma publicar todos os annos.

Repleta de assumptos interessantes.

alguns dos quaes proficientemente desenvolvidos, aquella excellente publicação, vem prestar um bom serviço aos estudiosos.

Gratos.

Aposentadoria

Por acto de 8 do mez p. passado foi aposentado o nosso illustrado collega, professor Genesio Braulio Rodrigues.

E' este um dos mais distinctos funcionarios, o qual acaba de deixar o magisterio, após longos annos de relevantes serviços prestados á instrucção publica do Estado.

Sempre zeloso, cumpridor exacto dos seus deveres, o intelligente professor deixa uma sensivel lacuna no magisterio publico, afim de descançar dos longos labores, durante o tempo em que esteve em exercicio de sua profissão.

«Gazeta Clinica»

Continúa a visitar-nos esta excelente publicação, cujo redactor-chefe é o Sr. Dr. Bernardo de Magalhães.

Presentemente temos á mão o n. 3 do segundo anno daquella «Gazeta». Traz um rico summario dos diversos assumptos proficientemente desenvolvidos por illustrados clinicos.

Agradecidos pela remessa do exemplar, desejamos á «Gazeta Clinica» a existencia longa que merece.

Commissão

Desempenhando-se da commissão de que foram encarregados pelo Governo, os professores srs. João Lourenço Rodrigues, director da Escola Complementar de Guaratinguetá, Joaquim Luiz de Brito, director do Grupo Escolar Bella Vista e Antonio Rodrigues Alves Pereira, inspector escolar, apresentaram o seu trabalho relativo á revisão de livros para o ensino primario do Estado.

Consta que o trabalho é muito bem feito e que a selecção e escolha dos livros obedeceu a um estudo sério e consciencioso, sendo tomados em consideração não só o valor litterario dos mesmos, como o seu valor educativo.

Foram aproveitados para cada anno do curso preliminar uma série dos livros examinados — série crescente na razão directa das difficuldades.

Parabens á distincta e laboriosa commissão.

Dr. Fabricio Vampré

Este illustrado clinico acaba de offerecer gratuitamente á nossa Associação os seus serviços profissionaes.

Si não estivessemos convencidos de que phrases de louvor ao espirito altruista do distincto medico poderiam offender a modestia que o caracteriza, não regateariamos agora palavras de justa admiração pelos altos dotes moraes que *pari passu* caminham ao lado da sua assaz reconhecida capacidade scientifica.

Eis porque nos limitamos a simplesmente agradecer-lhe pelo valioso offercimento.

Abaixo transcrevemos a carta que á Associação dirigiu o distincto clinico: «Ex.^{mos} e Dig.^{mos} Srs. Presidente e Membros da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Fabricio Vampré, cidadão brasileiro, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, exercendo ha 23 annos a clinica medica, obstetrica e de pequena cirurgia, vem, com desvanecimento, offerecer gratuitamente a todos os dignos socios e suas Dignissimas Familias, dessa Benemerita Associação de Beneficencia os seus exiguos serviços clinicos. Com subida consideração subscreve-se — De V. Ex.^{ma} — Att.^o Obrig.^{mo} Concidadão — Fabricio Vampré.

Residencia, 53 — Consolação.

Consultorio, 13 — R. do Thesouro.

Conferencias civicas populares

Fomos gentilmente distinguidos com um convite permanente para as conferencias populares promovidas pela revista *Educação*, sob os auspicios da Associação Beneficente de Educação.

Abrilantados com o concurso de Exmas. Senhoras, que se encarregam duma parte concertante, terão as conferencias sua nota attrahente e agradavel.

Muito agradecidos.

O ensino publico

Tal é a epigraphe de alguns artigos publicados na *Gazeta de Capivary*, e assignados por Nestor Martins de Araujo, que faz a apologia da instrucção publica do Estado com a descripção dos nossos principaes estabelecimentos de ensino.

Muito bem.

Estatutos

Em sessões de assembléa geral dos dias 25, 26 e 30 de Janeiro p. passado, foram reformados os Estatutos da nossa Associação.

Para esse trabalho concorreu grande numero de associados, cujos nomes não daremos aqui, por constituirem uma lista muito longa.

Por accumulção de materia, sómente no proximo numero da *Revista* publicaremos os referidos Estatutos.

Fallecimento

Victima de cruel enfermidade que zombou de todos os recursos empregados pela medicina, succumbiu o nosso distincto collega Benedicto Machado.

O finado, que ainda era moço, exerceu por algum tempo o magisterio na escola-modelo annexa á Normal, desempenhando o seu cargo com intelligencia e criterio.

Consoceiado ha pouco tempo, deixa viuva e uma galante filhinha.

A morte colheu-o, quando se achava exercendo o cargo de escrivão de paz do Norte da Sé.

A' inconsolavel esposa e mais membros da sua familia, apresentamos nossas condolencias.

Publicações

Recebemos, pela primeira vez, as seguintes: *A Vida Sportiva*, *A Palavra* e *Ave Maria*, da Capital; *O Debate*, de Bebedouro; *Correio do Itararé e Folha do Norte*, de Pindamonhangaba; *Gazeta de Itatiba e O Combate*, de S.^o Antonio do Pinhal; *O Trabalho*, de Nova Louzã; *O Murrurio*, de S. João da Boa Vista; *O Jardinopolis e O Sul de S. Paulo*, de Faxina; *O Tymburibá e A Lyra*, de Rezende; *Correio de Minas*, de Juiz de Fóra; *O Juvenil*, de Bom Sucesso; *Jornal do Povo*, de S. Sebastião do Paraizo; *A Vida Valenciana*, de Valença; *A Patria*, de S. Felix do Paraguassú; *O Paladino*, de Baturité; *A Imprensa*, de Crato; *Esperança*, de Piauhhy e *O Trabalho*, de Belém do Pará.

S. Manoel do Paraizo

Em um de seus ultimos numeros *O Municipio* publicou um magnifico cliché do Grupo Escolar daquella cidade, o qual é proficientemente dirigido pelo nosso collega Benedicto Tolosa.

E' grande o entusiasmo que a população daquelle municipio devota á causa do ensino popular.

Imprensa

Entre os muitos obsequios que têm penhorado summamente, replenados de fidalgas cortezias, á nossa Associação sobressai a gentileza que lhe dispensou o sr. dr. Garcia Redondo, critico redactor-chefe da *Folha Nova*.

Sua Exa., conscio do papel civilizador que o professorado representa na sociedade, sciente do prestigio que lhe deve recommendar o nome — offereceu-lhe, em seu jornal, para a defesa dos seus interesses e da causa geral do ensino, uma columna, em que já surgiram, á attenção do publico, alguns artigos de elevado conceito e de critica moderada.

Agradecidos.

Electricidade

Publicando para a *Revista* um excellento trabalho do Dr. C. Heinke, professor daquella materia, na Escola Polytechnica de München, chamamos a attenção dos nossos leitores para o assumpto, cujo desenvolvimento é feito com clareza e proficiencia pelo illustre professor.

É um trabalho digno de ser lido, por todos quantos se interessam pelo assumpto, principalmente por aquelles que se dedicam ao magisterio.

A *Revista* encetando, hoje, a publicação da bella monographia, folga em prestar um bom serviço aos srs. professores.

Francisco Loreto

A 19 de Março p. passado finou-se, nesta capital, o sr. Francisco Paulo Loreto, professor no Grupo Escolar de Itatiba e nosso prezado consocio.

Muito moço ainda, o fallecido allava a um character bonissimo uma intelligencia esclarecida e a prova mais eloquente disso é a estima em que era tido já nos bancos escolares, já em Itatiba, onde era justamente apreciado.

O corpo docente do Grupo Escolar dessa cidade, ao ter conhecimento do lutooso acontecimento, por nosso intermedio, mandou que se collocasse sobre a sua sepultura uma coroa de saudades e se plantasse alli uma cruz de marmore, como singella homenagem.

Esta Associação esteve representada pelo seu presidente sr. Arthur

Breves e thesoureiro Sr. Luiz Cardoso Franco. Expressamos nossos protestos de sentimento á exma familia do extincto.

Carlos Escobar

Em resposta a um convite que a Associação lhe fez para realizar, na capital, uma conferencia, no proximo mez de Maio, o nosso illustre collega, Carlos Escobar, communicou-nos que acceta o encargo, enviando-nos ao mesmo tempo as theses sobre que ella versará e que são as seguintes:

1.^a—O ideal seria arrancar das mãos do governo, que é um partido no poder, aquinhoando os seus afilhados, sem respeito ao merito nem consideração ao interesse geral, o ensino publico, uma das tres potencias humanas, para confial-o a um corpo de sacerdotes, inteiramente desligado do poder temporal e dando provas de grandes virtudes e grande saber pela sua declaração de voto de pobreza e a posse de uma synthese completa dos conhecimentos.

2.^a—Não se podendo attingir esse ideal actualmente, approximar-nos delle, arrancando a suprema direcção do ensino publico das mãos do Secretario do Interior, que é um agente puramente politico, para confial-a a um conselho de profissionaes vitalicios e inamoviveis, escolhido pelo governo.

3.^a—Feita essa importante reforma, é necessario melhorar o ensino primario dos Grupos; diffundir pelas cidades do interior o ensino integral das sciencias e crear escolas de ensino profissional nas principaes localidades.

Como vêem os nossos leitores, são tres theses importantissimas, que dizem respeito, muito de perto, ao nosso futuro progresso como povo, e á nossa liberdade de acção como professores.

Ao nosso collega, sinceros parabens; e á Associação congratulações entusiasticas.

ANNUNCIOS

ESTUDOS DE PORTUGUEZ

PELO PROFESSOR NORMALISTA

Arthur Raggio Nobrega

Obra approvada pelo Governo

PARA SER ADOPTADA

nas escolas secundarias do Estado

« »
« Dou a este livro logar merecido
« entre os melhores que o Brazil
« contemporaneo tem produzido em
« philologia. »

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Á VENDA:

Em Campinas } na **Casa Genoud** e á
} rua Dr. Campos Salles, 28.

Em S. Paulo } nas livrarias *Lacmmerl.*
} *Garraux, Teixeira e Melillo.*

PREÇO 4\$000

Cadernos de Cartographia

O MELHOR AUXILIAR AO PERFEITO ESTUDO DA GEOGRAPHIA

PELOS PROFESSORES

RAMON ROCA E
ARNALDO BARRETO

Os autores, desejando corresponder á grande acceitação que estes cadernos têm tido, resolveram diminuir o preço da venda, para deste modo concorrerem mais efficaçmente a generalisar um estudo tão attrahente e util

CADA CADERNO—**500 RÉIS**—CADA CADERNO

Abatimento de 20 % aos srs. professores e negociantes

A' venda em todas as livrarias

DEPOSITARIOS :

ESPINDOLA, SIQUEIRA & C.^{IA}

Rua Direita n. 10-A

RAMON ROCA DORDAL



APROVADA E ADOPTADA PELO GOVERNO DO ESTADO

EDITORES:

Espindola, Siqueira & Comp.
10 A, Rua Direita, 10 A

S. PAULO
1908

SEGUNDA EDIÇÃO

Este novo methodo de leitura, notavel pela sua simplicidade, deve ser conhecido por todos os Srs. Professores.

PREÇO 800 RS., VENDA AVULSA

Abatimento de 20 % para os srs Professores e negociantes

VENDE-SE EM TODAS AS LIVRARIAS, E NA CASA
ESPINDOLA, SIQUEIRA & C.

RUA DIREITA, 10 A

S. PAULO

EXPOSIÇÕES ESCOLARES

ELEGANTE ALBUM

PARA COLLOCAÇÃO DOS CARTÕES

DOS

ALINHAVOS EM CARTÃO

TRABALHO MANUAL

REIS — 300 — RÉIS

Em porção, abatimento de 20 %.

A' VENDA:

Francisco Alves & C.

45—RUA DE S. BENTO—45

Duprat & C.

14—RUA DIREITA—14

Miguel Melillo & C.

65—RUA DE S BENTO—65

Espindola, Siqueira & C.

10 A—RUA DIREITA—10 A

AOS SNRS. PROFESSORES!

Acaba de ser publicada a 4.^a edição da

ARITHMETICA ESCOLAR

DO

Professor Ramon Roca Dordal

Elegantemente impressa e correcta, esta quarta edição, publicada em seis cadernos, tem tambem o *Livro do Mestre*, nitido volume cartonado, contendo a solução de mil problemas e dous mil exercicios, tornando-se por isso de grand vantagem no ensino preliminar.

Este trabalho, approvado e adoptado pelo Governo do Estado, acceto nos mais importantes estabelecimentos publicos e particulares, está, pela sua importancia e preço reduzido, nas condições de ser preferido por todos os Snrs. Professores.

O livro que agora temos a honra de apresentar, recebido com applauso pelos profissionaes e por toda a imprensa, constitue um compendio methodico e completo, desenvolvido de accôrdo com as mais rigorosas exigencias pedagogicas.

Vendas a varejo:

500 Réis — CADA CADERNO — 500 Réis

4\$000 — LIVRO DO MESTRE — 4\$000

(Em porção, grande abatimento)

MIGUEL MELILLO & COMP.

LIVREIROS EDITORES

65—Rua de ão Bento—65

§ SÃO PAULO §

17 9 2007

Arte de Leitura

OPINIÕES

«NOVO LIVRO.—O sr. Luiz Cardozo, um dos professores mais criteriosos da Escola Modelo «Prudente de Moraes», devotado por indole á sua profissão, vem de publicar um livro intitulado «Arte de Leitura», que foi approved pelo governo do Estado. O auctor nos offereceu um exemplar deste excellente livrinho que, baseado na palavrção, forma um verdadeiro systema racional para o difficilimo ensino da leitura aos principiantes. Esta obra é o resultado de uma profunda observação da natureza infantil e possui o dom de ensinar a lêr com precisão em pouco tempo.

Nossas felicitações e nossos reconhecimentos.» 19—10—1901.

—*Le Messenger.*

«O professor Luiz Cardozo, tendo colhido excellentes resultados no ensino da leitura elementar por um methodo por elle organizado» acaba de publical-o. «O methodo do professor Cardozo, innovação da «Cartilha Maternal» de João de Deus, está dividido em pequenas lições, occupando-se a primeira das vozes, que devem ser descobertas pelos proprios alumnos, com auxilio do professor, em palavras escriptas com uma unica vogal.

As lições seguintes tratam das articulações—vuv, ff, jjj, etc., formando palavras, phrases, historietas, com os elementos conhecidos

Quanto aos retratos desses sons (vogaes e invogaes) os alumnos familiarizar-se-ão desde logo com elles, comparando-os com objectos seus conhecidos.

Pelo exposto, vê-se que este methodo é de grandes vantagens, pois, allia á utilidade do estudo a amenidade do trabalho.»

—*Estado de S. Paulo.*

«Os professores em geral devem adoptar a «Arte de Leitura» do professor Luiz Cardozo.»

Este util livrinho acha-se á venda em todas as livrarias da Capital e do interior; na «Casa Lebre», á rua 15 de Novembro, 1, e Direita, 2, e no deposito á rua de São João, n. 38.

PREÇOS

1 Exemplar	800
100 Exemplares	50\$000



✻ SÉRIE PAULISTA ✻

Novo methodo para o ensino de
calligraphia, em seis cadernos,
PELOS PROFESSORES

Arnaldo de Oliveira Barreto e Ramon Roca Dordal

Neste methodo, os auctores afastaram-se completamente dos methodos
seguidos para o ensino daquella disciplina

PREÇOS DA CASA EDITORA :

PARA MAIS DE 50 EXEMPLARES : 240 réis CADA CADERNO
EM AVULSO : 300 réis CADA CADERNO

Vende-se
em todas as livrarias, e na casa editora
Espindola, Siqueira & Comp.

10 A — RUA DIREITA — 10 A
SÃO PAULO

CADERNOS DE CARTOGRAPHIA

POR

Arnaldo de Oliveira Barreto e Ramon Roca Dordal

Já estão á venda os seis cadernos
deste util trabalho.

LINGUAGEM

GRAMMATICA ESCOLAR

COLLECÇÃO DE SEIS

CADERNOS ILLUSTRADOS

Para exercicios diarios nas escolas primarias

TRABALHO APPROVADO PELO CONSELHO SUPERIOR DE
INSTRUCÇÃO PULICA E ACCEITO NOS
PRINCIPAES ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, COM O MAIS BRILHANTE
RESULTADO
PELOS PROFESSORES

RAMON ROCA - - -

- - - E **ARNALDO BARRETO**

NOVA EDIÇÃO ILLUSTRADA

CADA CADERNO—300 Réis—CADA CADERNO

ABATIMENTO DE 20 % AOS SRS. PROFESSORES E NEGOCIANTES

A' venda em todas as livrarias
DEPOSITARIOS :

ESPINDOLA, SIQUEIRA & C.^{IA}

RUA DIREITA N. 10-A

LEITURAS NACIONAES

Considerado um dos melhores livros de
leitura para o ensino das classes
do curso preliminar

PELO PROFESSOR

JOÃO PINTO E SILVA

OBRA APPROVADA PELO GOVERNO DE S. PAULO

Vende-se em todas as livrarias, e na casa dos editores

Espindola, Siqueira & Comp.

RUA DIREITA, N. 10-A

São Paulo



SEGUNDA EDIÇÃO

Approvada e adoptada pelo Governo, para as escolas publicas do Estado

Preço 18500

Os Srs. Professores e Negociantes terão um abatimento de 20%.

VENDE-SE NAS CASAS—Duprat & C.—Alves & C.—Miguell Mell
ESPINDOLA SIQUEIRA & C.—Rua Direita n. 10 A

SÃO PAULO

COLLEGIO

"Caetano de Campos"

Instituto de ensino primario e secundario

Director: HORACIO J. SCROSOPPI

Rua Conselheiro Nebias n. 19

S. PAULO

JÁ ESTÃO Á VENDA

OS

*Cartões de linguagem, com illustrações, para exercicios
oraes no primeiro anno preliminar*

PELOS PROFESSORES

Arnaldo O. Barreto

e Ramon R. Dordal

Cada envelope contendo vinte cartões para
quarenta lições de arithmetica e linguagem, 2\$000

Abatimento de 20 % aos srs. professores
e negociantes

Espindola, Siqueira & C.

RUA DIREITA N. 10 A — ** — SÃO PAULO

Cartilha das mães

PELO

Professor Arnaldo de Oliveira Barreto

4.ª EDIÇÃO A DUAS CORES

PREÇO DE CADA EXEMPLAR 1\$000

*Abatimento vantajoso para os srs.
professores e negociantes*

EDITORES :

Miguel Melillo & Cia.

UNICOS DEPOSITARIOS

Grande Livraria Paulista

65 — Rua de São Bento — 65

SÃO PAULO

CURSO THEORICO E PRATICO

DE

Musica Elementar

OBRA APPROVADA E ADOPTADA PELO GOVERNO

para uso dos

ALUMNOS DAS ESCOLAS PUBLICAS DO ESTADO

pelos professores

João Gomes Junior

professor de musica na escola-modelo Prudente de Moraes e Complementar Annexa

E

Miguel Carneiro Junior

professor da mesma escola

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS, E NA CASA DOS EDITORES,

Duprat & Comp.—Rua Direita n. 14

S. PAULO

Em porção maior de 100 exemplares, abatimento de 20 %

S. PAULO

JUNHO DE 1904

ANNO III

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

NUMERO 2

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1904

17 9 2007